



Jill
Mansell

Irresistível
Tentação

Tradução de Susana Serrão



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para Lydia e Cory, com todo o amor.
E não, isto não significa que hei-de jogar mais Monopólio.*

Agradecimentos

Agradeço a Jeanette e Mike Groark, e a Mark Andrews, pelos preciosos conselhos jurídicos. Agradeço também a Garth Harrison, rei do churrasco, por me emprestar a sua espantosa casa. Agradeço ainda a Anne Evans, Lorraine Wilson e Val Curtis, que decifraram a minha letra pavorosa e trabalharam tanto a contra relógio para transformarem os meus gatafunhos num texto dactilografado e legível (mas não agradeço aos Correios, que o perderam logo...).

Por fim, muito obrigada a Pearl Harris, detective privada por excelência.

Capítulo 1

○ooooh... iiiii...

Para horror dela, Nádia apercebeu-se de que estava a ter um momento Bambi. Um momento assustador, prolongado, de Bambi no gelo, aliás. Salvo que, ao invés do Bambi, ela não o podia fazer parar aterrando simplesmente em cima do traseiro.

O carro continuou a patinar em câmara lenta na estrada perigosamente cheia de neve. Apesar de saber – em teoria – que aquilo que se devia fazer era *tirar* o pé do travão e *orientar* a derrapagem, as mãos e os pés de Nádia estavam freneticamente a fazer tudo mal, porque orientar uma derrapagem era como tentar escrever a ver-se ao espelho e — oh, Deus — o *muro*...

Cccranchh.

Silêncio.

Ufa, ainda estava viva, hurra!

Nádia abriu os olhos, tirou as mãos enluvadas do volante e felicitou-se mentalmente por não estar morta. O carro estava inclinado num ângulo esquisito, graças à vala logo antes do muro, mas apesar do esforço da neve, ela não ia depressa o suficiente para causar danos espectaculares ao carro ou a si própria.

Mas agora, que fazer?

Nádia enterrou o chapéu na cabeça e preparou-se para enfrenar o frio; saiu do *Renault* preto muito sujo e inspeccionou a lateral dianteira amolgada. Ainda bem que não trouxera o menino dos olhos da avó na viagem – o mais ínfimo arranhão no *Maserati* de Miriam e teria levado uma sova de palmatória e ficado de castigo durante semanas.

Nádia fez uma careta ao ver o ataque gelado – e até bastante feio – dos flocos de neve a cair, e entrou no carro. Pelo menos tinha telemóvel. Podia ligar para a assistência e pedir à polícia que a fosse buscar... mas se o fizesse, era natural que quisessem saber onde ela estava.

Hum.

Talvez ligasse para casa, e pelo menos dizia à família que estava dentro de uma vala, num nevão, algures no meio do mais negro e profundo Gloucestershire. Aliás, *mais branco* e profundo Gloucestershire.

Mas não tardaria a ficar escuro.

Este dilema resolveu-se ao descobrir que o telemóvel não tinha bateria, o que reduziu as opções a apenas duas. Deveria deixar o carro e arrastar-se na neve cada vez mais funda em busca da civilização?

Ou ficar ali à espera que alguém – de preferência num tanque *Sherman* ou um helicóptero – aparecesse e a salvasse?

Dado que a civilização podia ficar a quilómetros de distância e ainda lhe doíam imenso os pés de dançar na noite anterior, Nádia puxou o saco-cama do banco de trás, meteu-se nele como uma minhoca gigante e preparou-se para a espera.

Coitado do Laurie, perdera uma festa excelente. Nádia sorriu, a pensar no telefonema da manhã anterior. Pensou que temperatura estaria no Egipto, será que Laurie se lembrava de beber apenas água engarrafada, será que ele tinha conseguido ir ver o túmulo de Tutankhamon antes de voar para Milão?

Credo, estava esfomeada. Meteu uma mão de fora do casulo do saco-cama e abriu o porta-luvas. Um pacote de *Rolos* e um saco de gomas meio vazio. Seria melhor racioná-los, como as pessoas perdidas na montanha, comer só um Rolo por dia? Ou ceder à tentação e devorar tudo sem demora?

Porém, não estava perdida na montanha e não ia passar fome. Numa solução de compromisso, Nádia comeu três *Rolos* e meia dúzia de gomas, ligou o rádio para ter companhia, mesmo a tempo de ouvir um DJ a anunciar alegremente a queda de mais neve.

Era o problema dos tanques *Sherman*, nunca estavam a jeito quando se precisava de um.

Menos de meia hora depois – embora parecesse mais – Nádia soltou um guincho e parou abruptamente de acompanhar o Sting a cantar *Don't Stand So Close To Me*. Até era uma canção apropriada. A pessoa que batera na janela estava *mesmo* perto.

Homem ou mulher? Era difícil dizer, com o chapéu enterrado na cabeça. Embrulhado num casacão de oleado, camisola grossa e calças de ganga, era um homem ou uma mulher com mais de um metro e oitenta.

Na esperança de que não fosse Janet Street-Porter,¹ Nádia baixou o

¹ Jornalista britânica (1946 -) que documentou as suas caminhadas em livros e programas televisivos. Janet atravessou a Grã-Bretanha de Leste a Oeste, e fez ainda um percurso em linha recta de Edimburgo a Londres. (N. da T.)

vidro e desejou imediatamente ter vestido qualquer coisa mais sugestiva do que um saco-cama de *nylon* verde salpicado de bocados de papel de alumínio dos *Rolos*.

Esperava também não ter desafinado muito a cantar.

Embora não fosse nada provável.

— Está tudo bem?

Tinha cabelo preto, olhos castanhos-claros e flocos de neve nas pestanas pretas e enroladas.

— Está, estou quentinha. Derrapei na estrada — explicou Nádía, algo estupidamente, dado o ângulo esquisito em que estava sentada.

Ele inclinou a cabeça. — Eu reparei.

Nádía espreitou para a estrada vazia por detrás dele.

— Também se estampou?

— Não, eu fiz a coisa certa. — Tinha ar de estar a divertir-se. — Abandonei o carro antes de isso acontecer. Está no fundo do último monte.

— *Rolo*? — Ofereceu ela, pela janela aberta. Não era o último *Rolo*, obviamente.

— Não, obrigado. Ouça, há uma povoação a cerca de um quilómetro. Não quer lá ir comigo?

— Você é destes lados? — Nádía animou-se, mas depois hesitou. Espera aí, um estranho oferece abrigo no meio do nada, com ar perfeitamente normal e amistoso, até ao momento em que volta da barraca com loucura nos olhos e um machado?

Quantas vezes é que ela vira *esse* filme?

Ele abanou a cabeça, a espalhar neve por todo o lado. — Não, moro em Oxford.

— Então como é que sabe que há uma povoação? — Não lhe apetecia enfrentar o nevão por capricho.

O assassino do machado parecia divertir-se com o olhar prudente dela.

— Sou vidente.

Oh Deus, era *mesmo* doido.

— Que bom. — Nádía respirou fundo. — Ouça, já tinha estado nesta parte do Gloucestershire?

— Não. — A sorrir, deu uma palmadinha no bolso do casacão oleado. — Mas, ao contrário de si, tenho um mapa.

✱

— Sinto-me como uma refugiada — resmungou Nádía, enquanto se arrastavam pela azinhaga estreita, com a neve a ranger debaixo dos pés.

Visto que não era nada prático andar aos saltinhos dentro de um saco como se tivesse dez anos, levava o saco-cama enrolado debaixo de um braço e a malinha no outro.

— E parece uma refugiada. — Ele olhou para ela, sorriu e estendeu um braço. — Deixe-me levar isso.

Ela agora já sabia como ele se chamava. Jay Tiernan. Apresentara-se enquanto ela tentava sair do saco-cama, e ela perguntara — Que quer dizer o J?²

— Nada, é só Jay.

Hum, provavelmente era abreviatura de um nome embaraçoso, como Jethro ou Jasper. Ou Josephine.

Mas Nádia até compreendia. Os dias de desporto na escola tinham sido sempre uma experiência humilhante, com dúzias de rapazes gozões perfilados a gritar, «Força, Nádegas, NÁDEGA, NÁDEGA!»

Contudo, Jay Tiernan não tinha que saber isso. Agradecida, Nádia passou-lhe a malinha. O nariz dela devia estar encantadoramente vermelho, tinha a visão embaciada e os dedos dos pés dormentes. Ranulph Fiennes não tinha que ter medo da concorrência – ela seria uma nulidade a atravessar a Antártica.

— Você mentiu — ofegou Nádia quarenta minutos depois. — Não era um quilómetro.

— Deixe lá, já cá estamos.

— E não é uma povoação.

— É, pois — disse Jay. — É pequenina.

Nádia tentou ver melhor a única rua deserta, através da cortina de neve que caía. Nenhuma das casinhas tinha luzes acesas. Não havia lojas. Apenas um marco do correio, uma paragem de autocarro e uma cabina telefónica.

E uma casa de pasto.

— A Estalagem do Salgueiro — anunciou Jay, semicerrando os olhos para ler a tabuleta desbotada. — Vamos tentar lá.

A porta da frente estava fechada. Após vários minutos a bater, ouviram barulho de chaves e de trancas a abrirem.

— Co'a breca! — Disse o dono, em voz arrastada e hálito a uísque. — Maria e José e o Menino Jesus. Mas que coisa encontrá-los aqui.

Nádia, agarrada ao saco-cama enrolado, percebeu que ele devia achar que ela tinha um bebé. Realmente, estava tão bêbado que ela talvez se safasse com isso.

2 A pronúncia da letra J na língua inglesa é a mesma que o nome da personagem. (N. da T.)

— Viva — começou Jay — Queríamos saber se...

— Fechado, amigo. Abrimos às seis. — O homem de meia-idade apontou vagamente para o relógio.

— Podem tentar voltar nessa altura. Mas sem miúdos, que isto não é uma casa familiar. Não aturo miúdos.

— Ouça, as estradas estão vedadas, tivemos de deixar os carros, andámos horas — balbuciou Nádia — e precisamos de um sítio para ficar. — Desenrolou à pressa o saco-cama para ele ver que estava vazio. — E não temos miúdos.

Regra geral, se abrisse bem os seus grandes olhos castanhos e pestanejasse produzia o efeito desejado, mas o dono da Estalagem do Salgueiro já não dava por nada.

— Também não temos dormidas. — Abanou o braço a rir-se e disse: — Há um estábulo ao fundo da rua, podem tentar lá.

Nádia pensou se seria boa ideia desatar a chorar. Ou dar uma traulitada na cabeça do dono, amarrá-lo e trancá-lo na sua própria cave.

Jay, com um método mais cumpridor da lei, disse:

— Precisamos de um sítio para ficar e de qualquer coisa para comer. E pagamos, claro.

Os olhos raiados de sangue do dono espevitaram.

— Cem brasas.

— Ótimo.

— Dinheiro. À cabeça.

Solenemente, Jay assentiu. — Negócio fechado.

O corte de electricidade que deixara todas as casas da rua às escuras ainda se fazia sentir às nove da noite. A estalagem, à luz da vela, enchera-se gradualmente de gente que saíra de casa por não ter televisão, bem como meia dúzia de viajantes perdidos e precisados de um tecto.

Por qualquer espécie de milagre, Pete, o dono da casa, ainda bebia e ainda estava consciente. Mais ou menos. Cindy, a empregada de mesa, confidenciou a Nádia que a namorada de Pete o deixara três semanas antes, precipitando aquela bebedeira homérica. Agora, evidentemente animado pela quantia calada que estava a extorquir aos viajantes perdidos, abanava-se precariamente em cima de um banco de bar, e deixava o trabalho todo para Cindy.

O jantar, graças à falta de electricidade, fora nacos de pão torrado na lareira, raviólis de lata, fatias de queijo, cebolas em conserva do tamanho de tangerinas e bolachas digestivas ardidadas.

Nádia, que dispensara as cebolas, disse:

— Nham.

— Comer à luz das velas, há lá coisa mais romântica? — Jay apontou para a mesa raquítica onde eles estavam. — Que ninguém diga que eu não sei tratar bem uma senhora. Ovo em conserva?

Nádia sorriu; ele tinha uma voz bonita. Ela sempre gostara de vozes bonitas.

— Não, obrigada. Temos de resolver a questão do quarto. Você não pode dormir cá em baixo.

A insistência de Pete no dinheiro à cabeça pelo único quarto vago deixara Nádia num dilema. Apenas com quinze libras na carteira, Jay tivera de pagar o restante. Quando Pete lhes mostrara o quarto gelado, cheio de tralha e quase todo ocupado por uma cama de casal por fazer e cheia de altos (cem libras? Belo negócio!), Jay dissera baixinho, «Não faz mal, eu durmo lá em baixo».

Mas isso fora antes de os outros chegarem, o que transformara o pequeno bar num campo de refugiados improvisado. Dois deles tinham tosses muito feias. Não era justo ficar com o quarto que Jay pagara quase todo do seu bolso.

— Fique com a cama — disse Nádia.

— A sério, eu fico bem cá em baixo.

— Até pode ficar bem, mas não deve dormir nada.

— Senão sinto-me culpada. — Viu-o tornar a encher os copos deles com vinho tinto.

— Podíamos dormir os dois na cama — disse Jay.

Nádia hesitou. Era a solução mais prática, claro. Era uma pena que ele não fosse do tipo simpático, mas reconfortantemente feio, em vez de simpático, mas decididamente giro.

Perigosamente giro, aliás.

Não era que se sentisse tentada a fazer disparates, mas não queria que Jay achasse que ela se poderia sentir tentada. Tinha como experiência que os homens atraentes tomavam esse tipo de coisa como dado adquirido.

— Dormir. — Nádia fitou-o. — Nada de gracinhas. Ficamos com a roupa toda. E eu no saco-cama — acrescentou, para compor o ramalhete.

— Evidentemente. — A boca de Jay começara a fazer trejeitos. Oh Deus, seria por pensar que ela lhe achava graça?

— Tenho namorado — explicou Nádia com firmeza — e estamos muito apaixonados.

Jay assentiu, para mostrar que compreendia. — Eu também.

Capítulo 2

Caraças, os homens *gay* são uns amores, não são? Há qualquer coisa neles, pensava Nádía encantada, os dois deitados na cama duas horas mais tarde. Uma mulher podia descontraír-se e conversar sobre qualquer coisa, com a segurança de não haver segundas intenções. Contara a Jay do seu emprego no centro de jardinagem, da sua família em Bristol e da festa da noite anterior em Oxford.

Agora ele perguntava-lhe sobre Laurie. Toda contente, Nádía soergueu-se num cotovelo e disse:

— Oh, ele é uma maravilha, o melhor namorado do mundo. Se o visses, também ias gostar dele. É modelo. — E acrescentou orgulhosamente: — Foi capa da GQ no mês passado.

— Impressionante. — Jay sorriu ao ver a expressão dela. — Como é que se conheceram? Numa festa fantástica? A Madonna e o Guy convidaram-te para jantar e lá estava ele? Ou estavas a jardinar e ele apareceu um dia, precisadíssimo de uma clematite?

— Ha, ha. — De dentro do saco-cama, Nádía tentou dar-lhe um pontapé a brincar. — Na verdade, conhecemo-nos desde pequenos, praticamente crescemos juntos. O Laurie era o típico vizinho do lado. Bem, não era bem do lado — corrigiu ela — ele morava em frente. Costumávamos apanhar girinos juntos. Laurie ensinou-me a andar de bicicleta sem mãos, eu ensinei-o a palmar *Pick'n'Mix* na Woolworth's...³

— Um misto de *Cider With Rosie* com *Bonnie and Clyde*.⁴ — Jay ergueu o sobrolho. — Então estão juntos há quanto tempo? Desde os sete anos?

— Oh, não, nessa altura éramos só amigos. Eu fui para a faculdade aos dezoito anos e o Laurie também se foi embora no ano seguinte.

3 Gomas e doces sortidos e avulso numa grande loja de departamentos. (N. da T.)

4 *Cider With Rosie*, de Laurie Lee (1959), romance que relata a infância do autor no condado de Gloucestershire. *Bonnie and Clyde*, filme de Arthur Penn (1967), sobre um casal de ladrões de bancos nos EUA. (N. da T.)

Quando voltou, dois anos depois, olhámos um para o outro e foi como se tivéssemos levado com um tijolo em cima. — Nádía bateu palmas. — *Bam*, assim mesmo. Nem podíamos acreditar na rapidez com que aconteceu. E estamos juntos desde então.

Jay abanou a cabeça. — Estou confuso. Quando é que ele começou a ser modelo?

Parecia mesmo interessado. Nádía pensou se ele estaria a considerar fazer o mesmo – não era que conseguisse, com vinte e nove anos. Ai, Jesus, seria melhor avisá-lo diplomaticamente de que já tinha passado o prazo de validade?

— Fui eu quem o inscreveu num concurso — explicou ela. — Um daqueles programas de televisão diurnos que ofereciam um contrato com uma agência de modelos. Entrevistaram o vencedor do ano passado, e como ele não chegava aos calcanhares do Laurie, meti uma fotografia num envelope e mandei-a sem ele saber. Um mês depois telefonaram e disseram-lhe que fora escolhido para a final.

— Ele ficou passado?

— Passado? Passou-se mesmo! Achava que ser modelo era para maricas – oh, desculpa lá, mas pensava mesmo.

— Não faz mal. — Jay inclinou a cabeça.

— Enfim, conseguimos convencê-lo de que não era *nada* disso — salientou Nádía à pressa — e o Laurie concordou finalmente em ir à final. Mais para me calar, acho eu. Mas quando conheceu a organização e descobriu a quantidade de dinheiro que podia ganhar, percebeu que afinal podia valer o esforço. Depois ganhou o concurso e foi assim, a agência pô-lo no portefólio e a coisa descolou como um foguete. Antes disso, estava a estagiar para ser corretor, e detestava. Agora viaja pelo mundo fora a fazer reportagens fotográficas e campanhas publicitárias. É uma maravilha, uma carreira completamente nova.

— Graças a ti — disse Jay em voz neutra, e depois perguntou: — Já te arrependeste?

Já tinham perguntado o mesmo a Nádía. Mil vezes.

— Porque havia de me arrepender? Ainda estamos juntos, o Laurie não mudou. Podemos não nos encontrar tantas vezes como antes, mas ele volta sempre que pode. Ainda nos amamos. E não vai durar para sempre, ambos sabemos disso. Quando se chega aos trinta, fica-se mesmo passado, da idade. — Pronto, já disse, caso Jay ainda ansiasse por mudar de carreira. — Se o telemóvel funcionasse, eu podia falar com ele agora — continuou Nádía. — Estamos sempre a falar um com o outro. Ele esteve no Egipto estes dias, a fazer anúncios para as calças de ganga *Earl*.

Jay fez um ar meio céptico. — E confias nele?
Também não era a primeira vez que lhe perguntavam aquilo.
— Claro que confio. A cem por cento.
— E ele? Confia em ti?
— O Laurie sabe que eu nunca o enganaria. — A sorrir para si própria, Nádia ajeitou a almofada e mudou de assunto.
— Seja como for, agora é a tua vez. Conta-me do teu namorado.
A vela na mesa-de-cabeceira tremeluziu e projectou um remoinho de sombras na parede.
— Na verdade, eu não sou *gay*.
Oh, pelo amor de Deus.
— Então porque me disseste que eras?
— Para ficares descansada. — Os olhos dele brilhavam, divertidos.
— E deu certo.
— Enganaste-me — resmungou Nádia. — Eu confiei em ti, e tu mentiste.
— Que posso dizer? Sou homem, os homens mentem.
Espera aí, estaria ele a insinuar alguma coisa sobre Laurie? Nádia picou-se.
— Se isso é uma espécie de...
— Pronto, desculpa. — Jay ergueu as duas mãos, a rir-se. — Mas ficaste descansada, não ficaste? Deixaste de sentir pânico com a ideia de passar a noite com um estranho que pudesse tentar seduzir-te.
— E agora dizes-me que afinal não és *gay*. Não faria mais sentido continuar a mentir? Podias ao menos ter esperado pela manhã para me dizeres que não és.
— Era o que eu ia fazer. Até me perguntares pelo meu namorado. Enfim, não tens motivo para te ralares — disse Jay. — Não vou sequer tentar seduzir-te. Estás completamente segura.
— Óptimo. Isso é bom. — Nádia aconchegou-se dentro do saco-cama, fingindo indiferença, mas desejando secretamente que ele tivesse inventado um namorado. Preferia que ele fosse *gay*. Lá por ela nunca ter sido infiel a Laurie, não deixava de se sentir atraída por um homem bem-parecido.
— Podias perguntar-me pela minha namorada — instou Jay.
— Vá lá, conta-me sobre ela.
Ele piscou o olho. — Acabámos há uns meses.
Típico.
— Vês? — Nádia suspirou. — Já estás nisso. Não terias dito nada se ainda fosses *gay*.
— Não teria uma namorada com quem acabar — lembrou Jay. — Não fiques na defensiva. Eu disse que não ia tentar seduzir-te, não disse?

— Mas agora estás a meter-te comigo — queixou-se Nádía. — E não digas que não, porque estás.

— E depois? Posso meter-me contigo. Tu fizeste o mesmo antes — salientou ele — quando achavas que eu era *gay*.

— Não meti nada. — Sentiu-se corar, e ficou aliviada por haver pouca luz. — Porque é que me havia de meter contigo?

— Porque achavas que estavas segura. — Os olhos castanhos de Jay cintilaram, divertidos.

Oh, caracas, teria razão? Será que ela se metera com ele? Qualquer coisa no fundo do estômago de Nádía fez *ting* e apertou-se, alarmado. Nem sequer se apercebera.

— E agora já não estás — continuou ele. — Estás a recuar à doida. O que deve querer dizer que me achas graça, pelo menos — esticou a mão, o polegar e o indicador separados um centímetro — tanto quanto isto.

Não era justo, não era *justo*.

— Se eu não te achasse graça, não estaria aqui. — Nádía inclinou a cabeça na direcção do outro quarto, onde Pete, o estalajadeiro, ressonava como um elefante marinho. — Preferia dormir na neve a dividir a cama com ele.

Jay assentiu com ar sério. — Bem, obrigado. Acho eu.

— Mas se calhar também ressonas.

— Nada. Sou um perfeito cavalheiro na cama. — Fez um sorriso malandro. — Nunca ninguém se arrependeu de passar a noite comigo.

Nádía sentia a boca seca. Não duvidava mesmo nada disso. Qualquer pessoa ficaria atraída por ele. Era boa companhia, confiante e carismático. Se ela não estivesse com Laurie, há que admiti-lo, ficaria tentada a avançar. E porque não? Ali estavam, isolados do resto do mundo, perdidos numa estalagem cercada pela neve. Nunca ninguém viria a saber...

Oh, que coisa, ela estava mesmo a imaginar a cena, a pensar como seria estender a mão e metê-la por baixo da camisola azul-escura dele... Que se passava com ela? Era uma galdéria desavergonhada, pára com isso, *pára com isso*.

Apaga essa fantasia.

Tinha Laurie. Que mais poderia querer?

Apavorada consigo mesma por pensar sequer naquilo, Nádía inclinou-se de repente e apagou a vela. Muitíssimo grata por Jay não lhe poder ler os pensamentos – e cheia de medo que ele pudesse – disse:

— Vou dormir. Boa noite.

Pete, o estalajadeiro, ficou perplexo por acordar na manhã seguinte com uma ressaca fenomenal – era bem-feito – e uma casa cheia de forasteiros com ar sonolento. Socorreu-se imediatamente de um uís-que bem servido e lançou-se à descoberta do que estavam eles ali a fazer.

Lá em cima, Nádia lavava os dentes e dizia uma sentida prece de agradecimento por ter conseguido não ceder ao momento de fraqueza daquela noite. Apostava que não havia muitas mulheres que tivessem dividido a cama com Jay Tiernan e saído com a moral intacta. Por outro lado, não havia muitas mulheres que fossem para a cama com ele de calças, peúgas, duas camisolas grossas e um agasalho nada jeitoso.

Desceu as escadas atabalhoadamente, as botas a fazerem barulho, e descobriu um vento ártico a varrer o bar vazio e a porta da frente escancarada. Toda a gente estava lá fora a dar vivas e a bater palmas ao limpa-neves que deitava grandes baforadas de neve para o ar enquanto avançava majestosamente pela rua principal.

Nádia encontrou Jay no meio da multidão.

— Estamos salvos. Já não temos de nos comer um ao outro, que alívio. Como é que vou tirar o meu carro da vala?

— Chegou a cavalaria. — Jay apontou para o tractor que se arrastava atrás do limpa-neves. O tractor parou à porta da estalagem e um tipo entroncado com ar de lavrador saltou para fora.

— Passei por alguns carros a precisarem de reboque. — Ao ver a cara esperançosa de Nádia, perguntou: — Um deles é seu, pequena? Precisa de ajuda, não é?

Até tinha vontade de lhe dar um beijo. O seu cavaleiro cinquentão num tractor imundo! Era assim a vida na aldeia, pensou Nádia, agradecida. Entreaajuda. Havia tanta gente boa, heróis desconhecidos, preparados para fazer favores só por bondade.

— Preciso, pois — respondeu ela, aliviada e contente. — O meu é o *Renault* preto, é tão simpático da sua parte...

— Não maça nada, pequena. Às ordens. Cinquenta notas.

Pelo amor de Deus, vão roubar para a estrada. As gentes do campo não eram nada amorosas.

— Só não peça dinheiro — adiantou Nádia ao lavrador mercenário e ganancioso. — Não peça dinheiro à cabeça porque já não me sobra nenhum. — Lançou um olhar intencional para o estalajadeiro e acrescentou:

— Posso passar um cheque.
— Tem cartão de garantia? — O lavrador era frontal.
Nádia, que também sabia ser frontal, contrapôs:
— A quem devo passar o cheque, Dick Turpin?⁵
— Ponho-a fora daqui num instante, pequena. — O lavrador piscou-lhe o olho, inatacável. Amigos, amigos, negócios à parte. Os nevões súbitos podiam ser a desgraça de muita gente, mas eram sempre um belo ganha-pão para ele.

*

Depois de o *Renault* ser içado para fora da vala, amolgado mas de resto ileso, Jay chegara ao local a caminho do seu carro.

— Conduz com cuidado, agora — disse ele a Nádia quando ela deu à chave.

— Faltam menos de cinco quilómetros para a auto-estrada. Chego a casa numa hora.

— Foi bom conhecer-te — os olhos de Jay faziam ruguinhas nos cantos. — Ainda podia ter sido melhor, mas deixa lá, foi giro.

Nádia assentiu. À luz fria do dia, era preferível ter sido giro do que ter havido sexo. Se tivesse cedido à tentação naquela noite, agora estaria a sentir-se culpada. Credo, ela seria um desastre numas férias de grupo em Ibiza.

— Obrigada por tudo. Adeus.

A neve revolvida estalou debaixo dos pneus quando ela virou o carro na direcção de casa.

— Esse teu namorado é um tipo com sorte. — Jay pôs a mão no tejadilho do carro. — Diz-lhe da minha parte.

Por momentos Nádia achou que ele ia inclinar-se e dar-lhe um beijo de despedida na face; tinha ar disso. Esperou, dando-lhe toda a oportunidade de o fazer, e percebeu que até sustinha a respiração. Apenas um chocho sociável, não era beijoqueira descarada, um chocho sociável na face não fazia mal nenhum...

Bem, não faria mal nenhum, se tivesse acontecido.

— Fecha o vidro — disse Jay. — Conserva o calor. E não caias em mais valas.

— Sim, patrão. Para ti também. — Nádia fechou o vidro, fez continência, sorriu e acenou para ele. — A gente vê-se.

5 Lendário criminoso inglês do séc. XVIII. (N. da T.)

Porque é que as pessoas diziam estas coisas, quando sabiam perfeitamente que não se iam ver coisa nenhuma?

Capítulo 3

O voo de Barcelona para o Aeroporto de Bristol já aterrara há quinze minutos, e Nádia saltitava impaciente de um pé para outro na porta das chegadas. A qualquer momento, os primeiros passageiros começariam a sair pelas portas deslizantes de vidro fumado. Sentia borboletas no estômago – borboletas enormes, tropicais, excitáveis, em vez das do tipo inglês, mais cordatas – e os nós das mãos estavam brancos de tanto se agarrarem ao corrimão cromado. A adrenalina corria-lhe pelo corpo como cerveja à borla numa festa estudantil. Haveria ali paramédicos? As pessoas que esperavam pelo regresso de entes queridos sentir-se-iam todas assim? Haveria muitas a cair para o lado com ataques cardíacos e — ooh, *a porta!*

Nádia olhava, hipnotizada, para uma mulher de negócios super bem vestida que saía nos seus saltos ultra altos, seguida de um monte de veraneantes, depois alguns estudantes, vários homens de negócios e uma rapariga na casa dos vinte anos, com ar aturdido, um bebé chorão e uma criança pequena a reboque.

Ao ouvir chamar atrás dela, a rapariga virou-se e fez uma expressão de alívio ao ver Laurie sair a correr das portas, com uma girafa de brincar muito gasta na mão.

— Encontrei-a no chão ao pé dos carrinhos da bagagem. — Laurie acenou com a girafa ao bebé, que a agarrou logo e olhou para ele com espantosa falta de gratidão.

— Por isso é que ela chorava. Nem percebi que a tinha deixado cair. Muito obrigada. — A rapariga até brilhava de gratidão.

— Não tem de quê. — Laurie brindou-a com o seu famoso sorriso e Nádia, que estava a dois metros de distância, percebeu que era por aquilo que o amava. Era bom e atencioso e ajudava toda a gente. Muitos homens teriam pegado no brinquedo e corrido atrás de uma rapariga bonita com um bebé chorão, mas quantos o fariam se a rapariga fosse feia e magricela, com maus dentes e cabelo oleoso?

Nunca ocorreria a Laurie não o fazer. Ele era assim.

E ali estava ele, na direcção dela, de braços abertos.

— Nad!

Toda derretida, lançou-se nos braços dele e sentiu os pés levantarem-se do chão quando ele lhe pegou e a fez girar. Por milésimos de segundo, antes de a boca de Laurie encontrar a dela, Nádia vislumbrou o ar de inveja na cara da rapariga. Depois ele beijou-a e ela soube que eram o centro das atenções. Toda a gente olhava para eles, e gostava de os ver juntos. Não havia melhor do que um encontro romântico no aeroporto, era coisa que restaurava a fé de toda a gente na humanidade. Aliás, corriam o risco de ouvir uma salva de palmas.

— Tive tantas saudades tuas. — Laurie abraçou-a com força, depois deu um passo trás, olhou bem para ela e disse:

— Meu Deus, estás fantástica.

— Tu também. Desalinhado, mas fantástico. — A sorrir, ela levou a mão ao cabelo louro dele, queimado pelo Sol e despenteado, e depois afagou-lhe a barba de três dias. Para modelo profissional, Laurie não tinha vaidade alguma. Não era qualquer um que conseguiria ter aquele bom aspecto. Ele trazia umas calças largas que pareciam compradas nos piores saldos, mas que tinham de certeza custado uma fortuna; a camisola cinzento-claro com buracos nos cotovelos tinha sido do pai dele. Os ténis eram do último grito mas estavam imundos. Tinha uma enorme nódoa negra no braço esquerdo, e o que parecia uma mancha de sumo de fruta na manga direita da camisola.

— Pois estou, pois estou, um desleixo. — Os olhos verdes de Laurie arregalaram-se com uma resignação bem-humorada; estava habituado a que o *booker* da agência, editoras nervosas ou agentes de *casting* frenéticos o inspecionassem.

— É só sumo de amora — explicou ele a mancha na camisola. — Estava a jogar tesouras, papel, pedra com um miúdo no avião e ele entornou o copo em cima de mim.

— E a nódoa negra? — Nádia tocou-lhe ao de leve.

— Oh, não é nada. Caí de uma moto de água e bati numa rocha. — Laurie, que era tão destemido quanto propenso a acidentes, tornou a beijá-la. — Vamos embora. Como está o pessoal? O maldito papagaio ainda está vivo?

Harpo, que era de Miriam, avó de Nádia, tinha uma duradoura relação de amor e ódio com Laurie.

— Claro que está vivo. Ainda vais fazer essa pergunta quando tivermos oitenta anos. — Laurie pôs as malas ao ombro e Nádia continuou:

— Tem muitas saudades tuas.

— Não recebeu o meu postal? — Laurie mandara a *Harpo* um pos-

tal de um papagaio numa espreguiçadeira miniatura com um lençinho atado à cabeça.

— Atámo-lo à jaula. Ele abriu buracos no postal, disse qualquer coisa sobre exploração e crueldade para com os papagaios.

— É porque não tem sentido de humor — disse Laurie, ativo. — Quando chegarmos vou colar-lhe o bico com fita-cola.

Saíram do terminal e encaminharam-se para o parque de estacionamento de curta duração, a contarem as últimas um ao outro. Quando chegaram ao *Renault* de Nádia, Laurie parou a admirar a moessa que ela ainda não mandara consertar.

— Nada mau. — Inclinou-se para ver melhor. — Lá estavas tu, metida na vala, quando aparece um estranho e te convence a passares a noite com ele. Achas que é um passatempo que ele tem? Uma espécie de mirone?

Nádia, ainda com o braço na cintura de Laurie, debaixo da camisola puída, deu-lhe um beliscão.

— O carro derrapou na neve. Não tive culpa. Ele apareceu e salvou-me. Fiquei muito agradecida, pensei que devia ao menos dormir com ele... *ai!*

— Que gracinha. — A sorrir, Laurie beliscou-a também. — Vamos sair daqui para fora.

— Como aqueles. — Nádia inclinou a cabeça para trás, a ver outro avião elevar-se nos ares.

Laurie seguiu o avião com os olhos, enquanto este desaparecia por entre as nuvens cor de cinza metálico.

— Serei eu amanhã. Deabalada para Paris. — Tinha um ar resignado.

Nádia abraçou-o. — Só amanhã à noite. Temos um dia e meio.

Laurie olhou para ela, e disse, com um meio sorriso:

— Pois temos.

Nádia, ao volante, sentiu um mal-estar na barriga durante os vinte minutos da viagem para Bristol Norte. Uma sensação indefinida de apreensão dizia-lhe que havia qualquer coisa mal. À superfície, estavam a conversar sem parar, como de costume, mas logo abaixo havia qualquer coisa que a enchia de medo.

Estava sempre à espera que a sensação desaparecesse, mas não. Por fim chegaram a casa, ela subiu a rampa, e já tinha reduzido as possibilidades a duas situações.

— OK, deixa-me só dizer isto. Achaste que eu falava a sério quando disse que passaria a noite com aquele tipo da estalagem? Achas mesmo que eu faria sexo com ele? Porque não fiz, juro. Só disse isso a brincar.

— Eu sei. Claro que não achei que falavas a sério. — Com ar claramente constrangido, Laurie passou os dedos pelo cabelo.

Nádia preparou-se. Muito bem; agora tinha de fazer a segunda pergunta, aquela que não queria *nada* fazer.

— E tu? Conheceste outra pessoa?

— Não. — Laurie abanou finalmente a cabeça. — Nunca te faria uma coisa dessas.

Ufa. Que alívio. Nádia apercebeu-se de que tinha os dedos dormentes, e exalou pesadamente.

— Mas passa-se qualquer coisa — insistiu.

— Não se passa nada. Estou bem.

Belas palavras, mesmo o que ela queria ouvir. Infelizmente, vinham da boca do pior mentiroso do mundo. Podia ser que Laurie não tivesse mais ninguém, mas ele é que não estava nada bem.

— Laurie, não podes fingir que não se passa nada, *diz-me* só...

— Cá está ele, finalmente de volta! Meu querido, deixe-me olhar bem para si! — Miriam escancarou a porta e agarrou na cara de Laurie com as mãos delgadas. Nos dedos brilhavam diamantes enormes, tinha terra debaixo das unhas pintadas e, para uma mulher franzina de setenta anos, tinha uma firmeza surpreendente.

Ora no que tocava a mulheres de setenta anos, Miriam Kinsella não tinha comparação. Podia usar alta-costura ou calças de bombazina velhas e camisas de homem com o mesmo bom gosto. O cabelo preto luzidio estava apanhado num carrapito e, como sempre, tinha os olhos pretos muito pintados com lápis. Nádia sentiu que o interior do carro se enchia com o perfume *L'Heure Bleue* da Guerlain, e lembrou-se que Miriam podia passar um dia inteiro a jardinar, a atacar sebes com o escadote e a demolir vigorosamente arbustos rebeldes, mas que nem sonharia em fazê-lo sem pôr primeiro o seu perfume favorito.

Quantas mulheres setentonas teria a polícia mandado parar por andarem a cento e cinquenta à hora na A38? Mais, quantas é que teriam feito olhinhos ao agente e conseguido safar-se?

— Lindo como sempre — sentenciou Miriam, depois de pespegar uma marca de batom vermelho na bochecha bronzeada de Laurie. — Agora venham para dentro. Têm fome? O seu pai ainda está na clínica, mas deve voltar logo. Santo Deus, querido, não lhe pagam pela vadiagem em que anda? Decerto que pode comprar um par de calças melhorzinho?

Edward Welch, o pai de Laurie, era neuropsiquiatra. Aos sessenta e cinco anos e reformado do Serviço Nacional de Saúde, não conseguira pensar em ficar sem fazer nada e mantivera o consultório numa

das clínicas privadas de Bristol, onde dava consultas duas vezes por semana. Dizia que mantinha assim a cabeça a funcionar, que afastava o tédio e que podia fazer algo mais do que as palavras cruzadas do *Telegraph*.

E adorava Miriam, debalde, pensava Nádia quando a avó a mandou entrar. Depois da morte da mulher, Josephine, cinco anos antes – e depois do período de luto obrigatório – os sentimentos de Edward por Miriam rapidamente se haviam evidenciado. Eram óbvios, aliás. E que homem maduro, bem-parecido e inteligente não se sentiria atraído por ela?

O problema era a recusa de Miriam em corresponder a afeição de Edward. No que lhe dizia respeito, ele era um homem extraordinário, um amigo e vizinho dilecto, mas mais nada. Gostavam da companhia um do outro, jogavam canasta como demónios, iam ao teatro, faziam caminhadas infundáveis, e eram convidados para todo o lado juntos, mas Miriam deixara bem claro que o relacionamento deles não poderia ir mais além. E dado que Edward não tinha voz activa, tivera de aceitar. Ser amigo de Miriam e parte considerável da vida dela era infinitamente preferível a não ser amigo dela e a ser excluído da sua vida. Quando outras mulheres se mostravam interessadas nele, pouca sorte tinham. Comparadas com Miriam, ficavam muito aquém.

— Agora vamos dar-lhe de comer. Posso fazer bife e cogumelos com batatas fritas. — Miriam entrou na cozinha e escancarou a porta do frigorífico. — Ou temos guisado de galinha do jantar de ontem, ou uma daquelas coisas de camarão e linguado para o microondas, mas são magras. — O tom da voz de Miriam mostrava bem o que ela achava de refeições magras para microondas. Não prestavam para Laurie. Ainda a ver o frigorífico, continuou:

— E está ali tarte de maçã, fui eu quem fez na semana passada...

— Miriam, a galinha serve perfeitamente. — Laurie tentava não se rir. — Comi no avião.

— Mas precisa...

— E vou levar a Nádia a jantar, não quero empanturrar-me. Markwick's — acrescentou ele quando Nádia ergueu o sobrolho. — A mesa já está reservada.

O Markwick's era um dos seus restaurantes preferidos. Nádia perguntou-se se aquilo seria o equivalente ao marido culpado a comprar rosas e chocolates à mulher. Na estação de serviço. Mas talvez não estivesse a ser justa; quando vinha a casa, Laurie estava sempre a levá-la a restaurantes excelentes.

Só não tinha um bom pressentimento acerca desta vez.

Não obstante, o que quer que fosse, teria de esperar. Miriam estava ali, Edward voltaria em breve, seguido de Clare e Tilly – Laurie não era só dela, fazia parte da família.

Capítulo 4

Quando James Kinsella casara com Leonie, fora possivelmente o primeiro acto realmente impetuoso da sua vida. Com vinte e um anos, estava ele a meio do curso de contabilidade, e regressava a casa uma noite, quando dera com ela a andar nos Downs em Clifton, à boleia. Apavorado, James parara o carro e dissera-lhe com ar muito sério que andar à boleia era uma coisa insensata e muitíssimo perigosa.

A rir-se do ar sério dele, Leonie sacudira o cabelo comprido louro e retrucara:

— Você é perigoso?

Vendo que ela se ria dele, talvez por usar óculos e ter um Morris Mini, James respondera:

— Claro que não, mas no próximo carro pode estar um homem que seja.

Atrevida, ela abrira a porta do passageiro, entrara e dissera:

— Então é melhor dar-me boleia, antes que ele apareça.

Três meses depois, Leonie anunciara estar grávida. Dois meses depois disso, casavam-se. James nunca vira ninguém como Leonie. Nem sabia que havia gente como ela no mundo. Era destemida, um verdadeiro espírito livre, com um gosto avassalador pela vida. E James estava completamente apanhado. Além disso, era mais feliz do que alguma vez fora.

Não foi preciso muito tempo para James perceber que os espíritos livres nem sempre dão boas mães. Nem boas esposas, já agora. Quando Nádia nasceu, Leonie lançou-se numa fase de mãe-terra, que não durou. Pouco antes do primeiro aniversário de Nádia, James chegou a casa e a mulher recebeu-o passando-lhe a filha para os braços e gritando:

— Porque é que ninguém me disse que ser mãe ia ser uma *seca* tão grande?

James fizera um esforço sobre-humano para a acalmar e convencer a não se ir embora. Conseguiram de algum modo continuar por mais ano e meio. Nessa altura, quando o casamento estava nas últimas e a separação parecia inevitável, Leonie descobriu, horrorizada, que

estava grávida outra vez. Nasceu Clare e a situação foi de mal a pior. Leonie sentia-se encurralada dentro de um cubo de plástico sem ar. Adorava as filhas, mas não conseguia fazer face às exigências contínuas. Tinha vinte e três anos, era casada com um contabilista – contado ninguém acredita – e era mãe de duas filhas. A realidade ficara tristemente aquém das fantasias de maternidade anteriores às gravidezes que ela tivera.

Estava ela no Canford Park, numa manhã de Primavera, quando conheceu Kieran Brown. Tinha levado Nádía e Clare a brincar com os girinos e as rãs do lago, e descobrira que o único interesse de Nádía, aos três anos, era tentar comê-los. Kieran, que lá estava com o filho de quatro anos, metera conversa. Era actor desempregado, completamente encantador. Encantada com a atenção dele, Leonie esquecera-se imediatamente do que estava a fazer – a tentar convencer Nádía a não encher a boca de rãzinhas – e combinou encontrar-se com Kieran nessa noite para beberem um copo. Quando James lhe perguntara onde ia, ela respondera, já a caminho da porta da frente:

— Conversar com alguém que me compreende.

Quinze dias depois, fazia as malas e fugia para Creta com Kieran Brown, cuja namorada ficara francamente contente por se ver livre dele.

Ao ver a extensão do choque e da desolação de James – e tendo previsto desde o princípio que o casamento do filho acabaria mal – Miriam tomara conta de tudo e insistira que ele e as filhas se mudassem para casa dela. Viúva mas abastada, tinha uma casa grande o suficiente, e ajudar a tomar conta de Nádía e Clare dar-lhe-ia algo que fazer. Aos quarenta e sete anos, Miriam era tão enérgica que parecia ter vinte, e as miúdas adoravam-na. Era a solução óbvia, garantira peremptoriamente Miriam ao filho chocado, pelo que ele nem tinha de se ralar a arranjar outra maneira.

Dado que James nem conseguia imaginar outra maneira, aceitara a oferta tipicamente generosa da mãe. As crianças adaptaram-se às mudanças da sua vida com extrema facilidade. Tinha sido o mais acertado, decidira ele com grande alívio. Talvez daí a dois anos as dificuldades amainassem e eles pudessem arranjar casa própria.

Passados vinte e três anos, tal ainda não acontecera, e entretanto, aquela família pouco ortodoxa expandira-se para receber Tilly, quando Leonie lá aparecera com uma filha de um ano órfã de pai, e partira pouco depois, sem ela.

Nádia sentia-se como um bombista suicida com explosivos amarrados à cintura, e outra pessoa qualquer com o detonador. Não aguentava o suspense nem mais um minuto.

— Não estás a comer nada — disse Laurie. — Vá lá, prova o pato. É fantástico.

— Não quero provar o pato. — Nádia falava baixinho; afinal, estavam no Markwick's. — Quero que tentes dizer-me a verdade.

Laurie passou o braço por cima da mesa, os dedos dele nos dela.

— Não podemos simplesmente apreciar o jantar?

— É óbvio que não, se não consigo comer uma única garfada. — Chegara a altura, claramente, de ser ela a detonar a bomba.

— Laurie, ou me contas o que se passa, ou ponho-me em cima da cadeira, grito a plenos pulmões e começo a atirar coisas.

Laurie sorriu. — Então vá.

Ele não acreditava que ela o fizesse. Fazer cenas e atirar coisas não era coisa que se fizesse no Markwick's. Nádia tirou a mão, agarrou no cestinheiro do pão, empurrou a cadeira para trás e pôs-se de pé.

A expressão na cara dela disse a Laurie tudo o que ele tinha de saber.

— Está bem, pára, senta-te lá. — As palavras saíram-lhe quando o braço esquerdo de Nádia – a mão que tinha o cesto do pão – começava a ganhar balanço. — Eu conto-te.

O extremo oposto de uma pessoa temperamental, Laurie detestava cenas em público.

Nádia sentiu-se gelar. Queria mesmo ouvir aquilo? Mas como poderia não querer saber? A tremer, ciente de que a olhavam, sentou-se.

Meu Deus, não podia ser normal um coração bater tão depressa.

— Força.

Laurie hesitou e passou os dedos pelo cabelo. Porém, desta vez, não havia Miriam para escancarar a porta do carro e acudir, qual Supermulher.

— Muito bem. — Outra pausa. — Acho que devemos ficar por aqui. Quase nunca nos vemos. Não é justo para ti.

Era como mergulhar numa piscina gelada que se esperava estar quente. Havia um zumbido agudo nos ouvidos de Nádia. Felizmente, não era tão alto que abafasse as palavras que Laurie acabara de dizer.

Mas que esperava ela? Era o que acontecia quando se carregava no detonador.

— Não é justo para mim, ou não é justo para ti? — Nádia nem acreditava conseguir falar.

— Para nenhum de nós. — Laurie encolheu os ombros com ar

desgraçado. — Desculpa, tenho mesmo muita pena. Não é que queira fazer isto.

Então não faças.

Em voz alta, Nádia disse:

— Mas vais fazê-lo à mesma.

— É melhor assim. Está tudo diferente agora. As nossas vidas mudaram... Tu não fizeste nada de *mal* — disse Laurie. — É só que... oh, Nad, sabes o que quero dizer. Não tem nada a ver contigo.

Nádia ficou contente por não ter atirado o cesto do pão. Atirar pão não era mau o suficiente. Pratos pesados, isso é que era preciso. Pratos que se partissem com grande estrondo, de preferência magoando Laurie e derramando molhos cuidadosamente confeccionados de caminho.

Mas ajudaria?

Tentando recompor-se, ela perguntou:

— Porque não me disseste esta tarde?

Laurie suspirou. — Queria que o nosso último fim-de-semana fosse bom. O que devia ter feito, ligar-te de Barcelona e dizer-te pelo telefone? Sair do avião e anunciar? Credo, não sou um merdas.

— Mas não podias achar que fingias estar tudo bem!

Havia um músculo a latejar no queixo de Laurie.

— Queria tentar. Achei que podíamos pelo menos ter estes dois dias juntos. Bem, um dia e um bocado — corrigiu ele.

— Então quando é que tencionavas dar a notícia? Amanhã à tarde, a caminho do aeroporto? Meu Deus, não acredito que estamos a ter esta conversa. Achava que éramos felizes e andaste este tempo todo a preparar-te para fazer isto. — Nádia abanou a cabeça, incrédula. — Há quanto tempo decidiste?

— Nad, por favor, já me sinto mal o suficiente. Nas últimas semanas, parece-me. — Laurie tinha um ar completamente desgraçado.

— *Semanas?* Mas que bom. Então quando eu estava perdida na neve a contar àquele tipo o quanto éramos felizes, tu já estavas a arranjar a melhor maneira de me dares tampa! Fazes alguma ideia de o quanto me sinto estúpida? Vê só — continuou Nádia — se me tivesses dito por *e-mail*, eu até o podia ter comido. E teria comido, sabes, teria mesmo.

— Ouve, desculpa, achei que esta era a melhor maneira.

— Oh, sim, é perfeito, perfeito! Estou encantada por teres escolhido esta maneira, estou a adorar! O meu namorado atenciosamente a dar-me tampa no meu restaurante preferido. Tenho a certeza de que ele tem alguém, embora não tenha tomates para admitir...

— Não há ninguém — disse Laurie.

— Melhor ainda, diz-me que não fiz nada de mal! E isso faz-me

sentir *bem* melhor. A sério. — Nádia engoliu em seco, tremia e sentia os olhos perigosamente quentes. — É uma maravilha.

— Mas não podemos continuar assim, sem nos vermos nunca. O meu *booker* da agência pôs-me a trabalhar sem parar nos próximos oito meses. — Laurie tentava explicar. — Em toda a Europa, Austrália, Japão, Estados Unidos...

— Ótimo, não tens que explicar. Não vou implorar, se é isso que te apoquentas. — Nádia estava farta. Sentia-se enjoada. Depois ocorreu-lhe uma coisa que ainda a deixou mais enjoada.

— E só me ias contar amanhã. — Estava passada com o egoísmo de Laurie. — Mas íamos passar a noite juntos. Íamos fazer... — não, fazer amor não — ... íamos fazer sexo, tu saberias que seria a última vez, mas *eu* não saberia, porque tu não mo terias dito. Mas que toque final tão atencioso. Que pena que já não vá acontecer. Vamos ambos perder a Última Vez.

Naquela altura, teria sido bom sair do restaurante e desaparecer na noite escura. Se fosse um filme, era o que ela faria.

Mas não era um filme, era a vida real e estava a chover. Sinceramente, ela não achava ter que ser obrigada a arranjar um táxi.

Caraças, tinha namorado.

Ex-namorado.

Raios, aquilo ia ser esquisito.

— Quero ir-me embora. Preciso de um táxi. Dá-me vinte libras. — Exigiu Nádia.

— Não.

— Sacana.

Laurie abanou a cabeça. — Quero mesmo que fiquemos amigos.

— Pois eu não quero. Vai-te lixar.

— Nádia, não tem sido fácil. Só o faço porque é o melhor.

Outra vez a mesma cantiga.

— Oh, faz-me um favor — silvou Nádia do outro lado da mesa. — Dás-me tampa porque queres passar os próximos oito meses a comer tudo o que se mexa em Paris e Milão e Nova Iorque e Sydney e Tóquio, porque agora és do *jet-set* e o *jet-set* só faz sexo com Gajas Boas e super-modelos.

— Não é nada disso — asseverou Laurie.

— Ai não? E eu ralada. — Claro que mentia com os dentes todos, mas ia acontecer, quer ela se ralasse, quer não. A vida feliz dela ruía a olhos vistos, como torrões de açúcar em café quente, e só se podia culpar a si mesma.

Aquela *estupidez* do concurso de modelos.

Nádia deixou cair a cabeça. Tinha imensa vontade de chorar. Baba e ranho. Furiosa e violentamente. Mas macacos a mordessem se ia dar essa satisfação a Laurie.

Ele até podia ter um ar desgraçado, mas não fazia a menor ideia do quanto ela se sentia mal.

Tudo acabado com Laurie. A própria ideia era inconcebível.

Nádia levantou a cabeça e olhou para ele com olhos semicerrados. Tanto rímel, que desperdício.

— Está bem, acabou. Mas ainda ias dormir comigo esta noite — Nádia sustentou o olhar dele.

— Pela última vez. — Outra pausa, e um sorrisinho maroto.

— Então? Ainda queres?

Era tão fácil quanto perguntar a um miúdo de cinco anos se queria abrir as prendas de Natal uma semana antes. Ela viu o olhar aliviado dele quando se debruçou para lhe tocar na mão.

— Claro que ainda quero — disse Laurie.

Quando é que na história do mundo um homem dissera que não?

Sentindo-se poderosa pela primeira vez naquela noite e decidindo que, por vezes, valia a pena tentar arranjar um táxi, Nádia levantou-se e declarou friamente:

— Mas que pena, porque *não* vai acontecer.

Capítulo 5

Como a vida das pessoas pode mudar em quinze meses. Bem, a vida de algumas pessoas mudava de certeza, pensava Nádia na fila da caixa do supermercado, com um frasco de amaciador para o cabelo – sim, ainda era incontrolavelmente encaracolado, aí nada mudara – uma embalagem de depilatório e uma caixa de tampões no cesto. Era o seu precioso dia de folga e como é que ela o ia passar? A desenriçar o cabelo, a depilar as pernas e a ver a mulher que tinha à frente na fila a folhear ociosamente a *OK!* da semana.

Graças à simpática da irmã, Nádia já sabia que havia uma fotografia na página vinte sete de Laurie todo aperaltado, a chegar aos Óscares de mão dada com uma das nomeadas para Melhor Actriz Secundária. Clare, que lia todas as revistas do social, vira a foto no dia anterior e achara simpático correr escada abaixo para mostrar a Nádia o quanto a vida de Laurie mudara.

— Imagina só! Nos Óscares! Nos Óscares com uma mulher destas! Aposto que ela não comprou o vestido na Top Shop. E dizem que ele é um modelo que passou a actor. Nádia, estou a tentar mostrar-te e tu não ligas nenhuma.

Nádia sentira-se tentada a espancar a irmã até à morte com o ferro que tinha na mão. Todavia, Clare não estava a ser mazinha de propósito, tinha só a sensibilidade inata de um velociraptor. Não lhe ocorrera que Nádia podia não querer ver o ex-namorado numa revista ao lado de uma mulher espampanante qualquer.

Nomeada para um Óscar, ainda por cima.

Pois era, agora Laurie tinha uma vida nova de sonho. Graças ao calendário louco dele, não ia a casa há meses. Até começara no cinema com a mesma descontracção com que começara a ser modelo, quando a agência o mandara aparecer num vídeo de música pop. Numa festa, várias semanas depois, conhecera um realizador que o reconhecera desse vídeo e declarara prontamente querer Laurie no seu novo filme. As festas de Hollywood estão cheias até acima de actores aspirantes à espera da sua grande oportunidade. Laurie, que nem sequer queria uma, tivera-a.

O papel fora pequeno, mas o encanto inglês e o talento para a comédia de Laurie tinham-lhe granjeado louvores. As pessoas tinham imediatamente reparado. Com a sorte dele, pensou Nádia secamente, no ano seguinte já seria ele o nomeado para um Óscar.

— Ela andava com o Johnny Depp. — Clare babava-se a ler o artigo da fotografia. — É mesmo fixe, não é? Tu dormiste com alguém que dormiu com alguém que dormiu com o Johnny Depp.

— Também te podia chamuscar as orelhas — propôs Nádia, de ferro em riste.

— Ui, melindrosa. — Clare virou-se para *Harpo*, que estava na sua gaiola. — Achei que ela ficaria lisonjeada, não achas, Harpo? O que é que a Nádia tem, hein? O que é que a Nádia tem?

Demorara horas a ensinar-lhe aquela.

— Brrrkk — guinchou *Harpo* como um louco. — Nádia tem rabo gordo.

*

Nádia saiu do supermercado e foi pela Princess Victoria Street; passou pelas joalharias, pela galeria de arte e pela sapataria estupidamente cara, para cujas montras nem se atreveu a olhar. A Pastelaria Charlotte's era mais à frente, com rins de chocolate branco a chamarem-na, a atraírem-na. Claro que também eram caros, mas comparados com sapatos italianos, eram uma pechincha.

— Nádia!

Ia tão absorta na perspectiva de dar uma dentada num rim macio como seda que nem reparou haver alguém a chamá-la. Nádia assustou-se quando lhe puseram a mão no ombro.

Oh, Deus, será que roubara qualquer coisa no supermercado? Algum segurança corpulento seguira-a rua abaixo para lhe dizer que ia ter de marchar de volta à loja, ser presa e acusada de...

— Oh, és tu! — Sentiu uma onda de alívio. Não era que alguma vez tivesse roubado na vida (*Pick'n'Mix* não contava) mas bastava um instante de descuido. E quando se era distraída como ela, era sempre uma ralação.

Jay Tiernan abanava a cabeça com ar divertido.

— Vi-te a passar quando estava na galeria de arte. Bem, tinha quase a certeza de que eras tu. É espantoso, pensei em ti no outro dia.

— Pensaste? Porquê? — Nádia encolheu a barriga.

— A minha cunhada espatifou o carro. A lateral dianteira, como tu. Estava a ver-se ao espelho para pôr batom, quando um muro se atirou

provocadoramente para cima dela. A tua cara — continuou ele alegremente — quando te pus a mão no ombro. Até deste um salto.

— Pois, achei que eras o segurança da loja. — Mostrou o cesto do supermercado, em jeito de desculpa.

Jay ergueu o sobrolho. — Andaste a *roubar*?

— Não! Foi só...

— Espero que tenha sido coisa boa. Lagosta e caviar, no mínimo, e não latas de feijão e comida para gato. Se vais roubar na loja, mais vale serem coisas boas — *ah!* — Tinha-lhe tirado o cesto da mão e revistado sumariamente o recheio nada espampanante. Depois abanou a cabeça a olhar para Nádía.

— Não sabes mesmo como roubar nas lojas, pois não? Que miséria. Porque é que haverias de *querer* roubar coisas destas?

— Que gracinha. — Nádía tirou-lhe o cesto — bem, podia ter sido pior, podia ter comprado pomada para as hemorróidas — e perguntou:

— O que estás aqui a fazer?

— Aqui em Bristol, ou neste momento em Clifton?

— As duas.

— Estou a morar em Bristol. Mudei-me de Oxford há uns meses. E neste momento — bem, até há trinta segundos, estava em frente a dois quadros, nesta figura — fez um ar indeciso a cofiar o queixo — a tentar escolher um.

— Na Galeria Harrington? — Nádía percebeu que era onde ele devia estar quando a vira passar pela montra. — Não podias ter comprado o mais barato e metido o outro debaixo do casaco?

Os olhos castanhos-claros dele brilharam de aprovação.

— Boa ideia. Aprendes depressa. Infelizmente, o dono da galeria estava a *esta* distância de mim, para garantir que eu não fazia nada precipitado. Ora se eu tivesse uma cúmplice, podíamos safar-nos. Tu distraía-lo, entravas em trabalho de parto ou coisa assim, e eu só tinha de agarrar nos dois quadros, metê-los debaixo do casaco e zarpar.

— Os dois quadros. Mas que garganeiro. Além disso — Nádía deu palmadinhas na sua barriga lisa — bem, mais ou menos lisa — Não estou grávida a ponto de entrar em trabalho de parto.

O semblante de Jay alterou-se uma fracção de segundo.

— De quanto tempo estás?

— Não estou. — Ela sorriu. — Apanhei-te.

Teria feito um ar aliviado? Era difícil perceber.

Jay pegou-lhe no braço. — Anda lá. Encontrei-te, isto só pode ser o destino. Tens de me ajudar a escolher. — Parou e depois disse:

— A não ser que tenhas pressa de chegar a casa.

De repente parecia interessado. Nádia encolheu os ombros e abanou a cabeça descontraindo.

— Não há pressa.

— De certeza? Juras que não te estão a crescer pernas de lobisomem? — Jay ergueu o sobrolho e olhou para o cesto das compras que tinha o depilatório criminoso.

Nádia fez-lhe um sorriso radioso.

— Oh, não é para mim. Sempre que conheço um homem que se acha engraçadinho, gosto de entrar na casa dele de noite e encher o frasco de champô com depilatório.

Podia ter contado a Jay que conhecia muito bem a Galeria Harrington. Não tão bem que dormisse com o dono, mas já fora arrastada para algumas exposições.

Nádia preferiu não dizer nada quando ele a puxou para dentro. Pernas de lobisomem, sim senhor!

— Este — anunciou Jay, parando em frente do primeiro quadro. Momentos depois ele segurava-a pelos cotovelos e rodava-a para a esquerda e plantava-se em frente a outra tela.

— Ou este?

Nádia abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la.

Tinha de ser, não tinha?

O quadro da direita era o maior, uma dramática e imponente paisagem de montanha, com um céu cor de vinho e alguns raios de luz a romperem as nuvens. Muito taciturno. Quase bíblico. Quer dizer, até pousarmos os olhos no canto inferior esquerdo, onde um casal se beijava dentro de uma cabina telefónica encarnada à moda antiga.

Nádia sorriu para si própria. Bonito toque. O quadro, à venda por setecentas e cinquenta libras, era de um artista que ela não conhecia.

O outro, a quinhentas e vinte libras, fora pintado por Clare, irmã de Nádia.

Se eram aqueles dois quadros o motivo da tentação de Jay, era evidente que ele tinha sentido de humor. O estilo de Clare era caprichoso, alternativo e movido pelas personagens, tipo Beryl Cook sem hectares de gordura.⁶ Aquela pintura em particular, uma aguarela ousada pintada por cima, mostrava o copo de água de um casamento, com meninos das alianças marotos, noivo lúbrico, convidados coscuvilheiros e a mãe da noiva agarrada a uma garrafa de espumante de cidra e meio deitada em

⁶ Beryl Cook (1926-2008), pintora autodidacta britânica, a quem uma humorista sua conterrânea apelidou de «Rubens com graça». (N. da T.)

cima da mesa. A noiva, entretanto, estava à porta a comer um dos empregados de mesa.

O título era «Felizes Para Sempre».

Típico da Clare.

Não era que Clare fosse particularmente cínica, simplesmente adorava mostrar as desgraças dos outros.

— Então? — Perguntou Jay, ao lado dela.

— Hum. — Ponderadamente, Nádia estudou o quadro da irmã de todos os ângulos. À secretária na outra ponta da galeria, Thomas Harrington pousou o telefone e viu-a. Entreolharam-se e Nádia fez um aceno de cabeça que indicava preferir que ele não fosse ter com ela nem a cumprimentasse, como velha amiga que era. Nem como irmã de uma das artistas expostas, já agora.

Clare passara os anos de Belas Artes com o mau comportamento do costume; quase parecera injusto que ela tivesse boa nota, enquanto outros alunos, que tinham trabalhado mais, se tinham safado com muito menos. Quando Clare começara a vender quadros – não muitos, mas o bastante – ainda parecera mais injusto. Quantos licenciados de Belas Artes conseguem chegar a tais alturas? Dez por cento, pensou Nádia, se tanto. Era mesmo típico de Clare; nunca trabalhara um dia na vida.

Mesmo assim, não devia mostrar-se ressabiada.

— Qual deles? — Inquiria Jay ao ouvido dela.

— Sinceramente?

— Sinceramente.

Nádia, que era ótima em sinceridade, disse:

— Se eu tivesse tanto dinheiro para gastar, estaria na sapataria mais abaixo, a comprar sapatos italianos com saltos de dez centímetros incrustados de diamantes.

Jay disse com ar muito sério:

— Mas eu pareceria um estúpido com saltos de dez centímetros.

— E podem ser traiçoeiros quando não se está habituado. — Nádia olhou para os pés dele. — Talvez seja melhor ficares pela pintura.

— Também me parece. — Fez uma pausa e depois perguntou:

— Então?

— O dinheiro é teu. Deves ser tu a decidir. — Lembrou-se dos comentários de Clare enquanto devorava as fotografias de Laurie na revista. — Mas já que perguntas, prefiro o da cabina telefónica.

— A sério?

— É inesperado. Não se apanha à primeira. O outro é mais engraçadinho, mais armado à comédia. — A culpa tardou mas chegou, e Nádia tentou corrigir:

— Mas também é bom. E mais barato.
— Pronto, já está. Se o escolhesse agora, ficaria com fama de sovina.
— Jay virou-se para Thomas Harrington e disse alegremente. — Tenho mesmo que levar o da cabina telefónica.

E Nádia ficou a pensar se ele teria comprado o de Clare caso este custasse novecentas libras.

Capítulo 6

Depois de Jay pagar com cartão de crédito e Thomas Harrington lhe sussurrar ao ouvido «Não tenho nada com isso, mas a sua irmã vai moê-la de pancada se souber disto», Nádia deixou que a levassem até uma esplanada para uma bebida de comemoração.

Para comemorar o facto de ainda estar inteira e não moída, se calhar.

Enfim, era uma razão tão boa como outra qualquer.

— Conta-me o que tens feito. Estamos seguros aqui, já agora? — Claramente a divertir-se, Jay apontou para a banca de revistas do quiosque do outro lado da rua estreita. — O teu namorado não vai saltar das páginas da GQ e dar-me um soco?

Nádia encolheu-se por dentro. Oh, Deus, como ela se tinha gabado da maravilhosa relação que tinha, do amor e da confiança que ela e Laurie tinham um no outro.

— Isso foi há séculos. Acabámos. E se disseres «eu bem te avisei», ponho sal no teu café. Ou se fizeres um sorriso malandro — acrescentou ela quando os cantos da boca de Jay – era de esperar – começaram a mexer. — Também não são permitidos sorrisos malandros. Simplesmente já não estamos juntos e está tudo bem para mim. E tu?

— Também está tudo bem para mim. — Apressou-se a tapar o café com a mão. — E não estou a fazer nenhum sorriso malandro. Estou apenas contente por te ver.

Quando Nádia tornou a olhar para o relógio, tinha passado uma hora, sem dar por isso. Ficara a saber que Jay agora morava em Clifton, mesmo ali perto, em Canynge Road. Ainda trabalhava em investimentos imobiliários, comprava e remodelava casas abandonadas na zona – bem, empregava uma equipa de gente que fizesse o trabalho sujo por ele – e depois vendia-as com o que se esperava ser um lucro espectacular.

No entanto, se ele se podia dar ao luxo de comprar quadros como o que estava agora embrulhado em plástico às bolhinhas e encostado à mesa deles, tinha de estar a fazer a coisa certa.

— E o teu trabalho? Não estavas num infantário ou – não, espera — Jay estalou os dedos — num centro de jardinagem?

Ligeiramente melindrada por ele ter de pensar para se lembrar do que ela fazia, depois de ela lhe perguntar se ele ainda trabalhava em propriedades, Nádia assentiu e tentou não se sentir menos memorável para ele do que ele, claramente, fora para ela.

— Em Almondsbury. Sim, ainda lá estou. É ótimo, adoro.

Era um enorme exagero. O trabalho não estava mal, era praticamente um tédio. As plantas e as flores eram ótimas, mas quando os clientes voltavam para se queixar dos brincos-de-princesa, que lá tinham comprado há três anos, terem morrido – como se ela os tivesse regado com cianeto – bem, era o suficiente para pensar se algumas pessoas deveriam ter autorização para comprar plantas. E quanto aos anões...

— Adoras — repetiu Jay, pensativo. — É uma pena.

— Porquê? Porque é que é uma pena? — Nádia endireitou-se mais na cadeira, a tentar avaliar o significado daquele abanar de cabeça pesadoso.

— Também não adoro assim tanto.

— OK, numa escala de um a dez. Quanto é que adoras o teu trabalho?

— Dois — respondeu Nádia prontamente.

Jay assobiou baixinho. — Dois. Tens razão, não adoras assim tanto.

— São os anões. Vendemos anões. — Nádia fez uma careta, ansioso que ele compreendesse. — Seja como for, não quero parecer uma daquelas pessoas que se queixam da seca de emprego que têm, mas que não levantam o rabo gordo para encontrar coisa melhor.

Embora, na essência, isto descrevesse a situação dela mesmo bem.

— Mas sabes muito de jardinagem? — Perguntou Jay.

— Sei tudo. — Nádia sentiu um assomo de esperança. — Sou a Charlie Dimmock de sutiã. — Como aquela mulher conseguira trabalhar sem sutiã era um mistério para ela. — Porquê?

— Já concebeste algum?

— Um sutiã ou um jardim? Vá lá — pediu Nádia — conta-me. Para que é isto tudo?

Jay encolheu os ombros. — Talvez para nada. Preciso de um jardineiro, é só isso.

Ele precisava de um jardineiro? Ouve, não digas mais.

— Mas que bom, posso arranjar tempo para isso, sem problemas. No meu tempo livre — explicou Nádia avidamente. — Quer dizer, por quanto tempo me queres, duas horas por semana?

Jay abanou a cabeça. — Muito mais do que isso.

Co'a breca, que ele devia ter um jardim enorme. Sem pensar, Nádia perguntou:

— Quanto mede?

Ups. Perguntou a actriz ao bispo.

Com ar de quem fazia um esforço para não sorrir, Jay recostou-se na cadeira.

— Quando compro uma casa em ruínas para a remodelar, geralmente também há um jardim em ruínas a acompanhar. Preciso de alguém que comece de raiz, que o transforme numa coisa excelente. Não se trata só de saber tratar da relva e arrancar ervas daninhas. Trata-se de limpeza, paisagismo, sementeira, tudo.

— Eu posso fazer isso! — Nádia endireitou-se, a pele toda arrepiada. — Tive paisagismo na faculdade. Sei trabalhar no duro e sou mais forte do que pareço.

Caneco, Jay falara em destino antes. Aquilo era *mesmo* o destino.

— Eu trabalhava com uma firma de Winterbourne, mas não eram assim muito fiáveis. Deixaram-me ficar mal algumas vezes.

— Eu não te deixo ficar mal. — Tinha a ligeira noção de que não estava a saber-se vender, de que soava ansiosa de mais. Muito como o Yosser.⁷ Oh, enfim... — Nunca te deixaria ficar mal, juro!

Jay hesitou, obviamente relutante em dar-lhe o emprego de imediato.

— Pus um anúncio no jornal a semana passada. Já tive algumas respostas.

— Talvez — disse Nádia prontamente — mas nenhuma delas dormiu contigo, e eu dormi. Tem de contar para alguma coisa.

Caraças, caraças, *sabia* que devia ter feito sexo com ele.

Pela expressão bem-humorada dos olhos castanhos de Jay, ela percebeu que ele pensava na mesma coisa.

Nádia susteve a respiração e amaldiçoou-se secretamente por ser tão fiel. Se não conseguisse aquele emprego, a culpa seria toda de Laurie. Dele e das suas promessas rascas de que ficariam juntos para sempre. Credo, oxalá ela o pudesse detestar com a gana que ele merecia.

— Por favor — disse Nádia. — Sou uma excelente jardineira.

Jay reflectiu. — Tens algum que me possas mostrar?

O terceiro café dele, meio bebido, já arrefecera na mesa. Era evidente que não tinha compromissos urgentes nessa tarde, e ela também não demoraria muito. Sentindo-se poderosa, Nádia pegou no cesto das compras, pôs-se de pé e declarou:

⁷ Yosser Hughes, personagem fictícia da série televisiva britânica *Boys from the Blackstuff*, sobre o desemprego galopante da era Thatcher na Grã-Bretanha. (N. da T.)

— Vamos embora.

Bem, era mesmo o destino. Mais valia aproveitar.

*

Teria sido bom se a casa estivesse vazia, mas raramente era assim em casa de Nádia. Tentando mostrar-se uma mulher de negócios capaz, e não uma rapariga que leva timidamente o namorado a casa pela primeira vez para o apresentar à família, Nádia entrou com Jay na cozinha e anunciou:

— Avó, este é o Jay Tiernan, precisa de um jardineiro e eu trouxe-o cá para lhe mostrar o que sei fazer. Jay, esta é Miriam Kinsella, minha avó. E Edward Welch, nosso vizinho.

Miriam e Edward estavam a ver as corridas de cavalos na televisão e a almoçarem tarde, pão de alho, linguiça e uma garrafa de *Barolo*. As apostas nos cavalos eram a mais recente paixão de Miriam, e a linguagem que ela usava quando perdia era espectacular. Dado que Miriam insistia em apostar em cavalos montados por *jockeys* vestidos com cores que combinassem com o que ela usasse nesse dia, era com frequência que se ouvia a tal linguagem espectacular.

Naquele dia, Miriam tinha vestida uma camisa verde-esmeralda e calças brancas. Girou na cadeira e mostrou os dedos a Jay.

— Não lhe posso dar um passou bem, tenho a mão toda suja e a cheirar a alho. Bem, estou a perceber por que razão a Nádia quer trabalhar consigo. Aceita um copo de tinto, Jay? Edward, porque não abre outra garrafa? Venha cá, puxe uma cadeira e sente-se ao pé de nós. Querida, *bem apanhado* — sussurrou ela teatralmente para Nádia. — E que *olhos*. É mesmo do que precisa para se animar. Onde é que o achou?

Nádia fechou os olhos por um segundo e desejou que a fada boa lhe tivesse dado uma avó normal de carrapito grisalho, faces coradas e avental. Ainda bem que adorava Miriam, senão teria sido obrigada a trancá-la no sótão já há muitos anos.

Jay sorria, radiante.

— E se achas isto constrangedor — disse Nádia para ele — imagina o que eu sentia aos catorze anos.

— Mais dois copos — mandou Miriam, que geralmente tratava Edward como mordomo.

— Não, deixe lá — Nádia abanou a cabeça — não ficamos. Cinco minutos no jardim, e depois o Jay tem que se ir embora. O seu cavalo caiu — acrescentou ela, quando ouviu o locutor excitadíssimo e viu um

jockey verde-esmeralda todo enrolado no chão, safando-se à justa de ser espezinhado pelo resto do campo.

— Sinceramente — explicou Miriam, desanimada, e com uma contenção admirável — espero que parta as duas pernas.

Nádia apressou-se a levar Jay ao jardim.

— Desculpa lá a minha avó. Ela tem coisas boas, só que agora não me recordo de nenhuma.

— Não me incomoda. — Jay atravessou o terraço e postou-se com as mãos nos quadris a contemplar o terreno que se estendia diante de si.

O pano de fundo era um anfiteatro de árvores maduras – faias, freixos e cedros. Em primeiro plano, canteiros de formato irregular com fetos, papoilas orientais e esporas contornavam o relvado cor de esmeralda. Do lago com nenúfares à esquerda saía um regato que serpenteava até um lago maior no canto inferior direito do jardim. Maciços de brinco-de-princesa exibiam flores cor-de-rosa e violeta como luzes feéricas. Estava tudo plantado de maneira a não parecer ter sido plantado de propósito – um trabalho de jardinagem equivalente a uma supermodelo com cabelo acabado de sair da cama que, na verdade, levou três horas e cinco estilistas para se fazer. Nádia, a observar Jay disfarçadamente, cruzou os dedos atrás das costas. Labutara como uma louca para criar aquele jardim e, no que lhe dizia respeito, estava perfeito.

Mas será que Jay acharia o mesmo?

Por fim, ele falou. — Tu fizeste isto tudo?

— Tudinho. Era um relvado liso antes, posso mostrar-te fotografias de prova. Fi-lo há três anos — explicou Nádia, orgulhosa. — Até ao último centímetro, até carreguei estas lajes. — Pisou com força as pedras cor de mel pálido, típicas da região dos Cotswolds, que faziam o terraço. Quase se matara de trabalho, mas Jay não precisava de saber disso. Ele que achasse que ela era a Supermulher, e ficasse devidamente impressionado.

— Estou impressionado — disse ele.

Ufa. Nádia resfolegou.

— Eu sabia que ficarias. Caso contrário não te trazia cá. Então, o emprego é meu?

— Ainda tenho mais gente para ver. As marcações estão feitas.

— Cancela-as — disse Nádia. — Já não precisas delas. Tens-me a mim.

Quando o disse, passou-lhe pela cabeça o fragmento de uma conversa. Janey, uma das raparigas do centro de jardinagem, contara que respondera a um anúncio publicado no *Evening Post* da semana anterior.

— Não devia. — Jay olhou para ela, e depois sorriu. — Mas que diabo, está bem.

Iupiii! Capaz de tomar decisões executivas em cima do joelho, sem se importar com as regras nem com o desapontamento dos outros. Por outras palavras, não era *nada* o tipo de pessoa indicada para um envolvimento romântico.

Aliás, do tipo que só dá desgostos. A parte sensata da cabeça de Nádia tomou nota deste facto no seu caderninho encadernado a pele bege. A parte já sem remédio tremeu de expectativa e pensou como seria o novo patrão todo nu.

Porque tinha quase a certeza de que ele lhe achava graça. Regra geral, não era difícil perceber.

— Excelente — disse Nádia, toda contente.

Jay sorriu. — Fico contente por estares contente. Agora, bebi vários cafés. — Fez um gesto na direcção da casa. — Podes indicar-me o caminho para a casa de banho?

Indicar-lhe o caminho? Co'a breca, que tinha ele nas calças, uma mangueira de incêndio?

Contudo, e em deferência para com o facto de ele ser o seu novo patrão, Nádia absteve-se de o dizer em voz alta.

Capítulo 7

Depois de mostrar a Jay a casa de banho do andar térreo, Nádía voltou ao jardim soalheiro e sentou-se no banco de madeira para escrever mentalmente a sua carta de demissão.

Prezado Sr. Blatt,

Tenho o prazer de o informar que me ofereceram um emprego muito melhor do que a seca horrorosa em que tenho estado nos últimos dois anos, e que vou trabalhar para alguém muito mais simpático...

— Então? — Uma voz feminina sobressaltou Nádía. — O que lhe fizeste?

Raios, Clare dissera que ia estar fora naquela tarde.

— A quem?

— Acabei de ouvir — disse Clare com altivez — que tens um homem aqui contigo. Aliás, ouvi dizer que tens um pedaço de homem aqui contigo. É evidente que eu tinha de cá vir para ver com os meus próprios olhos. Onde está ele? Enterrado na compostagem? Amarrado a uma árvore? Algemado ao corta-relva e trancado na casota? Nad, quantas vezes te disse que isso não é maneira de impedires que um homem te fuja, ele tem de *querer* ficar.

Nádía sabia muito bem quem gostaria de algemar ao corta-relva.

— Foi à casa de banho, e assim que voltar vamo-nos embora. — Decidiu mentalmente tirar Jay dali de casa em três segundos, no máximo. — Seja como for, achei que não estavas cá esta tarde. Disseste que ias almoçar com a Josie, e que depois iam às compras.

— E íamos, até o patrão a ouvir dizer isso ao telefone. — Clare, que nunca fizera expediente nenhum na vida, abanou a cabeça em desalento. — Ele disse-lhe que a despedia se ela fizesse mais almoços de três horas. Só pode tirar cinquenta minutos. Quer dizer, que miséria, o que é que se pode fazer em cinquenta minutos?

Nádía, desejosa de se ir embora, pôs-se de pé e disse:

— Vou procurar...

— Oh, cá está ele! — Clare saltou ainda com mais vivacidade do que Nádia, e continuou. — Já pensávamos que tinha fugido! Olá, acabaram de me contar tudo a seu respeito.

Não acabaram nada, pensou Nádia, mas era tarde de mais. Clare já se estava a apresentar, a avaliar Jay mentalmente e a papaguear acerca de algemas e corta-relvas. Nunca fora nada tímida.

Por vezes fazemos uma coisa parva no calor do momento, e depois passamos seis meses, ou seis anos, arrependidas e a rezar para ninguém descobrir. Como convencer um estranho numa galeria de arte a não comprar um dos quadros da nossa irmã. Porque, sinceramente, quais são as hipóteses de ela vir a saber disso?

Infelizmente, no caso de Nádia, não demorou mais de seis segundos.

— Acabei de ver o quadro que está na vossa sala — anunciou Jay. — Porque não me disseste que já tinhas um do mesmo pintor?

Oh que treta.

Mesmo a tempo, a letra de uma canção antiga passou pela cabeça de Nádia. *Se arrependimento matasse...*

Perplexa, Clare perguntou:

— Na nossa sala?

— Não estive a cuscar, juro. A porta estava aberta e reparei no quadro pendurado na parede. — Jay sorria enquanto Nádia lhe mandava mensagens telepáticas desesperadas para ele Parar Imediatamente. — Encontrei a Nádia em Clifton esta tarde e arrastei-a para a Galeria Harrington. Não me conseguia decidir entre dois quadros. Ela disse-me qual havia de comprar.

Era óbvio que os sinais telepáticos não tinham funcionado. Atabalhoadamente, Nádia disse:

— Oh, não, não é verdade, eu não te *disse*...

— E então? — Interrompeu Clare, os olhos brilhantes, o rosto perigosamente pálido.

— Qual foi o quadro que ela lhe disse para comprar? O do pintor que está na nossa sala? — Pausa horrivelmente prolongada. — Ou o outro?

Como se ela não tivesse percebido já.

— O outro. — Agora era a vez de Jay hesitar. — Desculpe, será que pus a pata na poça? O pintor é seu amigo?

— Sim, Nádia, conta-nos. — A voz de Clare era gelada. — O pintor é *teu* amigo?

— Eu... eu só...

— Sua grandessíssima vaca! — Rugiu Clare. — Como foste capaz? — Virou-se para encarar Jay e berrou:

— Sou *eu* a pintora, fui eu quem pintou aqueles quadros e este é o apoio que tenho da minha própria irmã! Quer dizer, que mal fiz eu para merecer isto?

Que mal fizera ela? Ora, ora, um milhão de coisas.

— Está bem, está bem, talvez eu devesse ter dito ao Jay que te conhecia, mas aí ele ter-se-ia sentido na obrigação de comprar o teu quadro. Ele perguntou-me de qual eu gostava mais — disse Nádía à pressa — e eu disse-lhe a verdade.

— Sua cabra! E de qual *gostavas* mais? — A rivalidade profissional obrigou Clare a cuspir a pergunta.

— Montanhas, cabina telefónica.

— Oh, pelo amor de Deus, essa porcaria!

— Eu devolvo-o — propôs Jay — e troco-o pelo seu.

— Vês? — Inquiriu Nádía. — Agora ele sente-se culpado. Gosta mais do outro, mas está disposto a devolvê-lo por causa da tua birra. Não tens vergonha?

— Só de ter uma irmã como tu. — Os olhos de Clare dardejavam quando se virou para encarar Jay. — Ela tem inveja, mais nada. Porque eu sei pintar e ela não sabe. A Nádía passa os dias a vender anões de plástico e a acartar sacas de cascalho para as bagageiras dos carros dos outros. Nem sequer sabe manter um namorado, todos lhe fogem e a deixam, e quem os pode censurar? É outra razão para ela ter inveja de mim. Se fosse a si, saía desta bem depressa, e agradecia ao anjo da guarda por saber como ela é antes de ser tarde de mais.

E com isto, entrou dentro de casa.

— Bem — disse Jay por fim — foi... interessante.

— Desculpa. — Nádía rangia os dentes. Não sabia que mais dizer.

— Será melhor irmo-nos embora?

— Sim.

Desejosa de evitar mais contacto com a família, Nádía levou-o para fora da casa até onde o carro estava estacionado.

Enquanto ela procurava as chaves, a janela da sala abriu-se de par em par e ouviu-se *Harpo* guinchar: — Nádía tem rabo gordo!

Jay parecia assustado.

— Santo Deus, é a tua irmã?

— O papagaio da minha avó. — Assim que acabou de falar, Nádía desejou ter respondido que sim e mais nada.

E depois ouviu-se a voz de Clare aos berros pela mesma janela:

— Ela está doida para casar e ter filhos, sabe?

Bolas, já metia nojo.

— Com licença. — Nádia girou nos calcanhares. — Não demoro nada.

Consciente de Jay ter os olhos postos nela, avançou pelo cascalho, escancarou a porta da frente e bateu-a depois.

— Ai! — Gritou Clare, agarrada à bochecha. Atirou-se para a frente, mas Nádia foi mais rápida. Como a Força Aérea Britânica, entrara e saíra em menos de cinco segundos.

— Lamento. — Nádia entrou para o lugar do condutor e deu à chave.

Jay replicou, a divertir-se:

— Não lamentas nada.

— Bem. Ela merecia. Por vezes só lá vai com uma boa estalada. Somos irmãs, é legítimo. O Laurie dizia que eram os nossos momentos Oásis.

— Percebi. — Jay sorriu. — Tu és o Noel, ela é o Liam. Ela pica-te, tu chegas-lhe, mas na verdade adoram-se.

— Talvez. Enfim, é mentira — disse Nádia.

— De eu estar doida para casar e ter filhos. Não é que interesse — acrescentou aflita — mas mesmo assim é mentira.

Seria boa altura para Jay dizer que ela também não tinha o rabo grande – porque não tinha *mesmo* – mas ele só assentiu.

De coração magoado, Nádia levou-o ao carro dele em silêncio.

Quando ele tirou o quadro embrulhado em plástico do banco de trás, ela disse:

— Se calhar mudaste de ideia quanto a dar-me o emprego. Estás reticente em contratar alguém que bate na irmã.

— Só uma coisa — começou Jay — por que razão me convenceste a comprar este quadro?

— Sinceramente?

— Sinceramente.

— Porque gostei mais deste. E porque Clare estava a chatear-me esta manhã por causa do meu ex-namorado. Ela sabia que me estava a picar e adorou o tempo todo. Mas prefiro mesmo este quadro.

Ele assentiu.

— Muito bem.

— Muito bem o quê?

— É melhor pedires a demissão no centro de jardinagem.

Nádia exalou de alívio, com um grande sorriso a espalhar-se na cara, imparável.

— Tens a certeza?

— Ouve, tenho um irmão, sei como é. Brigávamos o tempo todo.

Heroicamente, ela reprimiu o impulso de se lançar nos braços dele.

— Brigavam? Já não brigam?

Jay abanou a cabeça.

— Já não.

— Oh, obrigada!

— Toma, liga-me amanhã ou depois. — Jay tirou um cartão da carteira e deu-lho.

Agarrada a ele como se fosse o bilhete vencedor, Nádía disse fervorosamente:

— Não te vais arrepender. Prometo que não bato nos teus clientes.

— É bom saber — disse Jay. — E será melhor veres se o depilatório ainda está selado, não vá ter sido espremido para dentro do champô.

Nádía sabia que ia gostar de trabalhar com ele. Ainda a sorrir como uma parvinha, começou a andar para o carro.

— Mais uma coisa — chamou Jay.

Ela virou-se. — O quê?

Ele estivera a vê-la descer a rua.

— O papagaio está enganado.

Capítulo 8

A carta chegara naquela manhã. Sozinha no quarto, sentada ao toucador, Miriam desdobrou cuidadosamente a carta e leu-a pela terceira vez.

Era o problema do mundo hoje em dia. Havia demasiada tecnologia da informação. Toda a gente tinha acesso a computadores e os computadores sabiam de mais acerca de tudo.

Era tudo tão simples há coisa de cinquenta anos. Quem quisesse desaparecer, podia desaparecer. Bastava mudar-se para outro ponto do país e deixar o passado firmemente onde ele devia ficar. O mundo continuava exactamente como antes, e fazia-se vida nova. Vida feliz.

E *fora* uma vida feliz, ela assegurara-se disso.

De que servia desenterrar toda aquela estupidez agora?

Miriam levantou a cabeça e olhou com impaciência para o seu reflexo no espelho biselado. Eram os olhos, claro. Os olhos é que a tinham denunciado. Tinha setenta anos e o resto do corpo evidenciava os sinais normais da idade, mas os olhos haviam permanecido na mesma.

Maldito Edward, era tudo culpa dele. Dele e da sua ilustre carreira em neuro-porcaria-psiquiatria. Quando fora convidado a inaugurar um instituto de pesquisa novo em Berkshire, não passara pela cabeça de Miriam que ir com ele acarretaria consequências tão vastas. Quando um fotógrafo da imprensa lhes tirara uma fotografia juntos e lhe perguntara o nome, ela dissera-o sem pensar.

Quem podia imaginar que alguém veria a cara dela no jornal, juntasse dois mais dois (como tinham claramente feito) e conseguisse mesmo localizá-la através do cartão de eleitor pela internet?

Miriam suspirou, irritada e assustada. Mas a privacidade já não valia nada? As pessoas que criavam aqueles sítios nunca pensavam nos problemas que poderiam causar?

Já tinham passado cinquenta anos, pelo amor de Deus. Um percalço, mais nada. Ao fim de cinquenta anos, uma pessoa pensa estar safa das consequências de um percalço.

Por mais tentador que fosse rasgar a carta e deitá-la para o lixo, Miriam sabia que não o podia fazer. Pegou cuidadosamente na cane-

ta de tinta permanente, copiou a morada do remetente e riscou a dela no envelope. Escreveu em maiúsculas: «DEVOLVER AO REMETENTE. DESCONHECIDO NESTA MORADA». Depois tornou a meter a carta no envelope rasgado e colou tudo com fita-cola.

Era melhor não a deitar no marco do correio em frente à casa; quando o carteiro lá fosse recolher, podia pensar que ela estava maluca e insistir em dar-lhe a carta. Contenta por ter raciocinado assim, Miriam pôs a carta no bolso da blusa – mais tarde punha-a no correio, em algum sítio anónimo – pegou no batom vermelho, pronta a pôr mais uma camada na boca.

A porta abriu-se de par em par.

— Tenho a cara marcada, está a ver? — Gritou Clare. — Impressões digitais?

— Não vejo nada.

— Aqui — Clare aproximou-se e apontou agitadamente para a bochecha direita.

Tinha uma marca vermelha muito leve.

Miriam deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Coitadinha da menina. Vamos já às urgências exigir o melhor cirurgião plástico.

— Não goze. Dói-me. — Clare olhou para o espelho e mexeu na cara, para ficar mais vermelha. — A Nádía bateu-me.

— Bateu? Deixe lá, querida, você deve ter merecido.

— Não mereci *nada*. A sério — rugiu Clare — vim cá à procura de compaixão e a Avó toma o partido dela. Devia ter-lhe arrancado o cabelo todo. — Semicerrou os olhos. — Quem era o tipo que ela cá trouxe?

— Hum? — Miriam chegou-se mais ao espelho, pôs batom e depois juntou os lábios. — Aquele com muito bom aspecto?

— Não reparei — mentiu Clare.

— Bem, a Nádía disse qualquer coisa de um emprego. Eu achei-o encantador.

— Ele ia comprar um dos meus quadros na Harrington e a parva da Nádía dissuadiu-o. — Clare ainda estava zangada.

— Ora, ela deve ter os motivos dela. Talvez a menina tenha feito qualquer coisa que a aborrecesse.

— Não fiz nada!

— Como tagarelar acerca do Laurie — disse Miriam.

— Oh, francamente. Eu só disse que ele foi aos Óscares.

— Sabe bem que ela não gosta.

Clare fungou, incomodada.

— Não tenho culpa de ela ser melindrosa.

— A menina tem vinte e três anos, a Nádia tem vinte e seis — Miriam calou-se para borrifar *L'Heure Bleue* nos pulsos e no pescoço. — E ainda brigam como se tivessem oito anos. Da próxima vez deito um balde de água fria para cima das duas.

— Isso é porque somos disfuncionais. Tivemos uma infância problemática.

— Disparate, estragaram-nas com mimos. E pode começar a tratar das batatas — o seu pai e a Tilly chegam às seis.

Clare desistiu. Não conseguia que a Avó tivesse pena dela. Quanto a descascar batatas, que nojo.

— Quer que eu lhe ponha a carta no correio? — Mudou de assunto com destreza, e apontou para o bocado de envelope que saía do bolso da blusa de Miriam.

Miriam levou a mão ao peito, para o proteger, empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Pelo menos a morada de devolução era em Edimburgo, a uma distância segura.

— Não é preciso, obrigada.

★

Duas vezes por semana, em vez de apanhar o autocarro para casa às quatro da tarde, Tilly tinha ATL. Às terças-feiras tinha o clube de Francês, e às sextas-feiras, *netball*. A seguir, ia a pé os quinhentos metros que separavam a escola do escritório onde James trabalhava como contabilista, e ia com ele para casa, quando ele saísse por volta das cinco e meia.

Quando esta rotina começara, Tilly ficava à espera dele na recepção do prédio, onde os sofás eram de pele e macios, e as recepcionistas muito profissionais, nos seus carrapitos e saltos altos. O material de leitura, imaculadamente disposto nas mesinhas baixas de vidro, era um leque cintilante de *Financial Times*, *Telegraph*, ou a edição mais recente de *Accountancy Today*.

Pois, os seus favoritos.

Mais recentemente, Tilly preferia passar o tempo na tabacaria da esquina, a cem metros do prédio de escritórios. Comprava sempre qualquer coisa pequena, pastilha elástica ou *TicTacs*, para ter estatuto de cliente autorizada. Em seguida, ficava-se pelas filas de revistas e folheava-as, sempre com todo o cuidado para não dobrar as páginas nem vincar as lombadas.

Era um excelente lugar para ficar à espera, cheio de tralha e amigoso, confortável e acolhedor. Depois de decidir que Tilly não era outra adolescente cleptomaniaca, a mulher que trabalhava na loja ficara des-

cansada e deixava-a ver as revistas em paz, até James aparecer, quinze minutos mais tarde, para comprar o vespertino e levar a miúda para casa.

As páginas sobre problemas da adolescência eram as preferidas de Tilly. Era sempre reconfortante saber das vidas nada perfeitas dos outros. Comparada com alguns, ela até se tinha safado bem.

As outras coisas que a atraíam eram os casos da vida das revistas femininas, aqueles onde mães revelavam ter arriscado a vida, de uma maneira ou de outra, para poderem salvar os filhos. Masoquista, Tilly devorava aquelas histórias de grandes dramas e devoção materna. Em certo sentido, invejava-as tanto que quase sentia a inveja a subir como bÍlis na garganta embargada. Por outro lado, não podia deixar de fantasiar que, talvez um dia, o mesmo lhe viesse a acontecer. Que, se ela e a mãe ficassem encarceradas num carro estampado e só houvesse tempo para os bombeiros libertarem uma, antes de o carro pegar fogo, Leonie gritaria, «Salvem a minha filha, não se preocupem comigo!»

Ou, menos drástico, digamos que ela precisava de um transplante renal ou coisa assim, e que a mãe era a única compatível mas que, por Leonie ser alérgica à anestesia, havia mesmo perigo de ela morrer na mesa de operações. Porém, ela insistia em avançar com isso, porque, «Querida Tilly, tu és a coisa mais importante no mundo para mim, só me importa que fiques boa!» E nesta fantasia, a vida de Leonie ficaria suspensa algum tempo, mas por fim (claro) conseguiria safar-se e elas viveriam felizes para sempre, como as famílias corajosas e amorosas das revistas dos casos da vida real.

Bem, toda a gente tinha direito às suas fantasias, não tinha? Mesmo que todas as raparigas da escola dela centrassem as suas no Robbie Williams.

Tilly continuou a virar cuidadosamente as páginas da *Take-A-Break*, enquanto chegavam e partiam outros clientes. Sabia que a mulher que lá trabalhava se chamava Annie, porque havia muitos clientes habituais, que lá iam buscar jornais, revistas, rapidinhas e tabaco. Alguns deles tratavam-na pelo nome e paravam para conversar um pouco, geralmente a falarem do tempo, do último escândalo a fazer manchete, ou do facto de o bilhete da lotaria que Annie lhes vendera na semana anterior não ter dado nada.

— Veja lá se desta vez é melhor, Annie — diziam eles quando ela se desculpava a rir e, sempre de bom humor, Annie alinhava na piada.

Era velha, devia ter quarenta e picos, achava Tilly, mas tinha um

rosto bondoso, um sorriso pronto e o cabelo louro apanhado atrás que não sabia decidir-se a ser ondulado ou liso.

Tilly virou-se quando o sininho que estava por cima da porta tocou, na expectativa de que fosse James. Porém, foi uma mulher muito velhota, embrulhada num casaco de peles até aos pés, que entrou a arrastá-los e a espreitar ansiosamente à procura de Annie.

— Boa tarde, querida, não sei se me poderá ajudar. Estou à procura do meu marido. Ele já esteve aqui?

Trazia um saco grande e calçava chinelos puídos. Annie mudou logo de expressão, saiu de trás do balcão e foi até à velhota.

— Tenho muita pena, Edna, mas ainda não. Não o vi o dia todo. Deixe lá, ele deve estar quase a chegar a casa. — Annie pôs o braço no de Edna e continuou animadamente:

— E se eu a levar a casa? Quando lá chegar, pode tomar uma bela chávena de chá.

Tilly viu-as afastarem-se, e pensou se aquilo seria um apanhado para a câmara oculta, para ver se ela enchia as algibeiras de chocolates assim que se achasse sozinha na tabacaria. Para provar a sua inocência, Tilly pôs a revista cuidadosamente no suporte e ficou especada onde estava, com as mãos bem à vista.

Parecia que não havia nenhuma câmara oculta na loja, mas Tilly não queria correr riscos. Na semana passada vira um documentário na televisão sobre uma pessoa na América que fora para a cadeira eléctrica e que, três anos mais tarde, fora dada como inocente.

Annie voltou em menos de um minuto, a arfar quando entrou porta adentro.

— Ai que bom, ainda cá estás. O meu patrão dizia-me das boas se eu deixasse a loja sozinha! Tecnicamente, não deixei. — Sorriu e abanou a cabeça. — Coitada da Edna, corta-me o coração. É a quinta vez esta semana que ela cá vem.

— Onde é que o marido dela foi? — Perguntou Tilly. — É esse o problema, ele não foi a lado nenhum. Ele morreu.

— *Morreu?* — Abalada, Tilly olhou para a porta. — Se ele morreu, porque é que a senhora não lhe diz?

— Já disse — suspirou Annie. — Coitadinha, a memória dela já não é o que era. Mas quando lhe digo, fica muito abalada. É mais fácil não falar nisso. Seja como for, quando ela chega a casa já se esqueceu disso.

Que horror. Tilly pensou no que a velhota sentiria, a rondar as ruas à procura do marido. Ela perdera-se no Debenhams uma vez, quando tinha seis anos; tinha-se afastado quando Nádia e Clare estavam entre-

tidas a enfeitarem-se com *écharpes* de plumas. Ainda se lembrava da sensação horrorosa do pânico gelado que sentira, a tropeçar às cegas na secção de chapéus e lenços de cabeça, o coração descompassado a pensar se alguma vez tornaria a ver as irmãs. Até cerca de trinta segundos depois quando, alertada pelos gritos da irmã, Clare dera com ela ao pé das luvas, lhe dera um sopapo ao de leve e lhe dissera que parasse de carpir.

Agora entrava outro cliente na loja, um homem jovial com roupa de trabalho. Tilly viu-o comprar uma revista de pesca e um bilhete de lotaria, e ouviu-o dizer a Annie que o da semana anterior não prestava.

— Deve ficar fartinha de dizerem isso — atreveu-se Tilly a dizer quando o homem saiu.

— Nem me fales. — Annie revirou os olhos com ar sofredor. — E acham sempre que são muito engraçadinhos e originais. Como as pessoas que encontram aquele actor que fez *One Foot in the Grave*⁸ e dizem, «Não posso crer!» Há que sorrir e fazer como se não tivéssemos ouvido o mesmo um milhão de vezes. Mas são boa gente — corrigiu ela apressadamente. — É só na brincadeira. Antes isso do que não conversarem nada.

— Gosto de estar aqui — disse Tilly — é simpático. Quer dizer, desde que não se importe que eu espere aqui?

— Não sejas tolinha. Claro que não me importo. Antes isso do que fiques lá fora, especialmente quando chove. Aí vem o teu pai — disse Annie, e olhou para cima quando James entrou pela porta.

— Tudo bem, pombinha? Estás pronta?

Tilly adorava que ele lhe chamasse pombinha, e ainda gostava mais que lhe pusesse o braço nos ombros num gesto paternal. Esperou ao lado dele enquanto ele procurava trocos e pegava num exemplar do *Evening Post*.

— Não te apetece comprar um bilhete de lotaria? — Perguntou Tilly inocentemente.

— Não compro a lotaria. Desperdício de dinheiro. — James fez uma careta. — Tentei uma vez, não ganhei nada.

Tilly e Annie sorriram uma para a outra.

— Eu disse alguma coisa de mal? — Protestou James.

— Nada, nada.

— Vamos então para casa, ver o que temos para o jantar desta noite.

8 Com os pés para a cova, série cómica britânica sobre um casal de meia-idade reformado que tenta adaptar-se à vida moderna. (N. da T.)

— Adeus — disse Annie.
Tilly virou-se, acenou e disse timidamente:
— Até amanhã.

Capítulo 9

Então quem é ele? — Perguntou Clare, à porta do quarto de Nádía. — Tirando ser um paspalho chapado, incapaz de tomar uma decisão, e que precisa de uma rapariga para o fazer?

Pelo tom de voz, Nádía soube que a tempestade passara. Aquela era a maneira de Clare indicar estar pronta para lhe perdoar. Provavelmente por ter um encontro com Piers nessa noite, e querer roupa emprestada.

— Chama-se Jay Tiernan. É o meu novo chefe. — Nádía esperava bem que sim. Desejosa de não perder tempo, já fora ao centro de jardinagem entregar a sua demissão.

— E não é paspalho nenhum — acrescentou, dado que era importante mostrar lealdade para com o patrão. — É investidor imobiliário.

— Enfim, tu estavas farta do centro. Tantos anões. — Clare foi até ao roupeiro e começou a mexer na roupa que lá estava pendurada.

— É casado?

— Não sei. Não perguntei. — *Espero que não*, pensou Nádía.

— Gostas dele?

— Não!

Clare sorriu. Era a parte mais irritante de ter irmãs, elas sabiam sempre.

— Não gosto — insistiu Nádía, e corou.

— Deve ser casado — anunciou Clare, a perita. — E danado para as facadinhas.

Tal como tu farias se tivesses marido, pensou Nádía, mas não disse. Com a sua atitude grosseira e castigadora para o sexo oposto, se os homens fossem cães, Clare já teria sido há muito cadastrada pela SPA.

— Esta não é má. — Clare tirava uma blusa verde lima com orlas em veludo. — É nova?

— Sim, é por isso que ainda tem o preço na etiqueta. — Nádía viu-a chegar a sua blusa *Monsoon* ao peito e fingiu não saber o que se seguia.

— Posso levá-la esta noite?

Momento de cedência. Clare dera o primeiro passo, o passo da reconciliação; agora em troca ela tinha de a deixar usar a blusa.

Nádia suspirou. — Podes.

— Óptimo. E da próxima vez que tropeçares num gajo na rua que te arraste para uma galeria de arte, lembra-te da tua família, sim? Sou apenas uma pobre artista a ganhar a vida.

Não era nada assim. Clare era uma artista preguiçosa que nunca tivera de ganhar a vida, mas Nádia deixou passar.

— Ele não é apenas um gajo em quem eu tropecei na rua. Lembra-te quando fiquei presa naquele nevão no ano passado? Foi com ele que eu tive de dividir o quarto naquela estalagem.

O rosto de Clare arvorou um sorriso vagaroso.

— Estás a gozar! Então foi assim que conseguiste o emprego. Dormiste com o chefe.

*

Harpo passeava pelo parapeito da sala quando o telefone começou a tocar.

— Atende o maldito telefone — guinchou ele, a imitar a voz irritada de Miriam na perfeição. — O maldito telefone!

— Podia tentar atender você, já era uma ajuda — resmungou Miriam, mas estava muito tensa quando pegou no auscultador.

Tilly estava sentada no chão e viu-a hesitar antes de dizer brusca-mente:

— Está?

A seguir a avó descontraiu-se visivelmente. Virou-se, ainda agarrada ao telefone, e disse:

— Sim, sim, claro que está, já vou passar. Tilly, querida, é a mãe.

Co'a breca. Devia ser a primeira vez que Miriam ficava aliviada por ouvir a voz de Leonie ao telefone. Geralmente reagia como se um vagabundo lhe tivesse cuspidos na cara. Algo intrigada, Tilly perguntou-se se a avó andaria a evitar a Sra. Trent-Britton. A mulher estava desesperada por ter Miriam no Women's Institute.

*

Tilly soube exactamente quanto tempo durou o telefonema, porque a série *EastEnders* acabara de começar quando o telefone tocara, e ouvia-se o genérico final quando desligou.

Leonie não era grande comunicadora, por vezes passavam três me-

ses entre chamadas. Outras vezes, principalmente quando tinha um homem novo para gabar, ligava à filha mais nova duas vezes numa semana. Algo envergonhada, Tilly encarava estes contactos com o mesmo entusiasmo das pessoas que atendem o telefone e descobrem que foram escolhidas para participar numa sondagem sobre detergentes domésticos.

Desta vez, não deixando créditos por mãos alheias, Leonie estava novamente apaixonada. Parece que conhecera um indivíduo maravilhoso (*indivíduo* – argh, Tilly preferia que a mãe não empregasse esse termo) e nunca, *mas nunca*, se sentira tão feliz. Chamava-se Brian, trabalhava na indústria discográfica (hum, devia ser caixa nos armazéns HMV), e era uma pessoa espantosa. Melhor ainda, tinha uma filha com treze anos, não era uma maravilha? E Brian queria muito que os quatro se encontrassem e se conhecessem.

Havia muito mais, principalmente do mesmo, mas reciclado. Quando Leonie se entusiasmava, tinha tendência para se repetir.

Foi com emoções turvas que Tilly pousou o auscultador. Agrado por a mãe querer que ela conhecesse Brian e a filha dele. Medo de que não gostassem dela. E constrangimento, porque os relacionamentos da mãe eram sempre tão frágeis que bastava o mais ínfimo toque para estragar tudo. Outra vez.

— Tudo bem, querida? — Miriam dava palmadinhas no sofá ao lado dela.

— Hum. — Tilly assentiu e sentou-se, a roer as unhas.

— A Mãe vem cá em breve com o namorado novo.

— Lindo — ironizou Miriam.

— Ele traz a filha com ele. Tem a mesma idade que eu. Chama-se Tamsin.

Miriam não se desmanchou.

— Tilly e Tam, parece uma comédia americana.

Tilly sorriu, porque a avó sabia sempre fazer com que ela se sentisse melhor. Miriam não tinha medo de nada nem de ninguém.

— Vá lá, anime-se. Desculpe por não conseguir fingir que não gosto da sua mãe. — Miriam deu-lhe um beijo no alto da cabeça. — Tenho a certeza que preferia que eu gostasse. Mas lá está — acrescentou ela, e encolheu os ombros — é a minha maneira de ser.

— Pois é. — Miriam não era apenas destemida, era sincera e Tilly admirava-a por isso. Direita como um fuso, Miriam. Tilly não fazia ideia do que era um fuso, mas lera essa expressão num livro.

— E tem coisas boas — continuou Miriam.

Perplexa, Tilly perguntou:

— Tem?

— Querida, o meu James sempre foi um rapaz sensato. Depois perdeu a cabeça, andou passado algum tempo, e casou com a sua mãe. Mas graças a ela, temos três meninas lindas. — Miriam sorriu e despenteou o cabelo castanho-claro de Tilly.

Sim, pensou Tilly, mas só duas é que são dele.

Harpo, perdendo o equilíbrio em cima do varão do cortinado, endireitou-se numa revoada de penas azuis e guinchou:

— Co'a breca.

— Pássaro tolo. — Miriam olhou para ele com afecto.

— Dá cá um beijinho — guinchou *Harpo*. Inclinou a cabeça para um lado e acrescentou em tom mandão:

— Sem língua.

Miriam suspirou.

— Vou enganar a Clare.

*

No táxi a caminho de casa, Clare teve de admitir que as coisas não tinham corrido bem como ela pensara. Quando conhecera Piers numa festa dois meses antes, ele ficara mesmo encantado com ela. E ela também gostara dele.

Porém, todos os namoros de Clare tinham o mesmo padrão, o padrão que ela preferia. Os homens gostavam mais dela do que ela deles. Ela gostava de ter o controlo da situação e o facto de se aborrecer facilmente traduzia-se em cansar-se sempre deles primeiro, geralmente quando eles decidiam que ela era a Mulher Ideal para eles. Depois quando ela terminava tudo, ficavam destroçados.

Clare sentia-se bem a mandar. Fazia-a sentir-se forte e desejável. Enquanto os defuntos se iam abaixo, ela passava ao desafio seguinte. Como a Madonna.

Então por que razão não estava a dar certo desta vez? Porque é que Piers a tratava daquela maneira?

Mais, porque é que o resultado era ela gostar mais dele, e não menos?

Na escuridão do táxi, Clare mexericava na batinha da blusa verde lima – as nódoas de comida saíam? — E revia os acontecimentos da noite. Tinham combinado encontrar-se no Po Na Na, na Whiteladies Road, às oito horas e, que humilhação, Piers só aparecera quase às nove. Todavia, embora ela soubesse exactamente o que devia fazer, ou seja, ir-se embora às oito e quinze, não conseguira sair dali. Do mesmo modo, quando ele finalmente aparecera, ela devia ter-lhe atirado com um copo

à cara e depois saído dali. Porém, isso também não acontecera. Em contrapartida, dera consigo a pensar, «Não faz mal, ele está aqui agora, nada mais importa», e ficara genuinamente aliviada por ele não lhe ter dado tampa.

Clare mordeu o lábio. Era como se Piers lhe tivesse lançado um feitiço, com aquele sotaque preguiçoso da classe alta, sentido de humor cáustico e cabelo esvoaçante de colégio particular. Ah, e talvez também com o *Ferrari* azul-eléctrico.

Não era que ele se pusesse ao volante da maldita coisa, pensou Clare, lúgubre. Duas vezes, era o máximo que ela andara nele. Paranóico por poder ser apanhado a conduzir bêbado e perder a carta, Piers insistia que fossem para todo o lado de táxi.

Do Po Na Na tinham passado ao Clifton Tandoori, embora ela não apreciasse comida indiana. Quando objectara, Piers chamara-lhe desmancha-prazeres e anunciara estar precisadíssimo de caril.

Mais tarde, quando brincara com o garfo e derramara comida na frente da blusa de Clare, fizera pouco das tentativas dela de a limpar com um guardanapo, e dissera:

— Tanta aflição, pareces uma dona de casa de 1940. Não tarda nada estás a remendar peúgas.

Mas era sempre bem-humorado, e não mauzinho. Misteriosamente, Clare deu consigo a dar-lhe um desconto, a convencer-se de que ele não fazia por mal, que era a maneira chique como fora criado. Estavam a divertir-se, não estavam? Nada mais importava.

Piers andara em Eton. Tinha vinte e cinco anos e era consultor financeiro. As feições cinzeladas, os olhos azuis marotos e pais extremamente ricos em Surre. Também tinha de se levantar cedo na manhã seguinte, e por isso em vez de passar a noite no apartamento que ele tinha em Clifton, Clare dera consigo dentro de um táxi às onze e meia da noite, a caminho de casa.

— Ponha na minha conta — dissera Piers ao taxista, com ar casual, mas Clare sentira-se uma prostituta.

Só que não tinham feito sexo.

Bem, claro que tinham. Montes e montes de sexo fantástico. Mas não naquela noite.

Era uma das razões que levavam Clare a sentir-se intrigada com ele. O facto de ele poder ficar com ela ou sem ela com aquela facilidade. Ela quisera ficar e Piers recusara. Da próxima vez que ele a deixasse passar a noite com ele, ela sentiria ter ganho um prémio fantástico ou coisa assim, e na obrigação de fazer um esforço especial para lhe mostrar que ele tomara a decisão certa.

Clare não era estúpida. Sabia que Piers fazia um joguinho, que vi-
rava as coisas ao contrário para ela continuar interessada, talvez por já
saber da reputação dela no que tocava ao sexo oposto.

Bem, estava a dar certo. Ela estava interessada. E mais cedo ou mais
tarde, ela ganharia vantagem, mostraria a Piers quem é que mandava...

— Chegámos, Latimer Road. Que número é?

— No fim. Três candeeiros mais abaixo, à esquerda.

O taxista abrandou debaixo do terceiro candeeiro.

— Cá estamos.

— Obrigada. — A luz do táxi acendeu-se quando Clare abriu a por-
ta dela.

— Ponha de molho em *Ariel* — disse o taxista gordo.

— O quê?

Ele apontou com a cabeça para o peito dela.

— Nódoas de caril. É o melhor que tem a fazer. Não prometo mila-
gres, até pode ter de comprar uma blusa nova.

Clare lembrou-se das gracinhas de Piers ao jantar. Tirou uma folha
do livro de recibos dele, encolheu os ombros e disse com ar desligado:

— Não faz mal, a blusa não é minha.

Malditos taxistas sabichões. E nem sonhasse em pedir gorjeta.

Capítulo 10

Quando Nádia encostou à porta da casa em Clarence Gardens na segunda-feira de manhã, Jay Tiernan já estava no passeio à espera dela.

Ora era profundamente injusto, dado que eram só dez para as nove e ele dissera que estaria lá as nove horas. Ela quisera chegar primeiro, causar boa impressão, e ele levara a melhor.

Agora só podia contar com a prancheta nova.

Nádia saiu do carro, meteu a prancheta novinha em folha eficientemente debaixo do braço e foi ter com ele. Jay tinha uma camisa branca, as calças de ganga do costume, e botas *Timberland* cor de areia... oh, talvez fosse por isso que lhes chamavam botas do deserto!

— Pareces contente contigo mesma — observou Jay.

Nádia estava a pensar se ele saberia por que razão as botas eram da cor da areia, e se haveria ou não de lhe dizer. Por outro lado, se ele já soubesse a razão, ela passaria por estúpida.

Em vez disso, respondeu animadamente:

— Estou bem-disposta. Estou em pulgas para começar no meu emprego novo.

— Anda lá, vou fazer-te a visita guiada. Vê lá se não bates em ninguém, sim?

A propriedade era uma casa vitoriana de cinco quartos que tinha sido de um velhote incapacitado para cuidar dela ou de si próprio. Pouco depois de o terem levado para um lar, explicou Jay, o velhote morrera. A propriedade fora a leilão dois meses depois. Agora ia ser esventrada e completamente renovada pela equipa de pedreiros de Jay – Bart, Kevin e Robbie. Nádia ficou aliviada quando viu que eles não pareciam ser trolhas típicos que assobiam e chamam mulheres que lhes passem pela frente. Bart e Kevin eram pai e filho, e Robbie, com vinte e poucos anos, parecia dolorosamente tímido. Enquanto Jay lhe mostrava a casa, continuaram a trabalhar, a deitarem paredes abaixo e a limpar montes de entulho.

O jardim das traseiras parecia ter sido bombardeado. Bombardeado na última guerra e devorado pela vegetação. Era evidente que o antigo

dono não tivera possibilidade de fazer manutenção alguma. Se tinha havido algum relvado, já nem se via em lado nenhum. As ervas chegavam à cintura e a parte mais próxima da casa estava atulhada de lixo; em vez de pôr as latas de comida para gato, as embalagens de comida pronta e os pacotes de leite no caixote do lixo, o velhote mandara tudo pela janela da cozinha fora.

Coisa normal de se fazer.

— Então? — Jay observava-a a avaliar o estrago.

— Então o quê?

— Estás assustada?

— Estás a brincar. Adoro. É como fazer uma mudança radical ao Hagrid.⁹ — E transformá-lo no George Clooney.

Jay sorriu. — Não é de mais para tratares de tudo sozinha?

— Só se quiseses tudo pronto no próximo fim-de-semana — disse Nádía.

— O objectivo é pô-la no mercado em seis semanas.

— Isso posso fazer. — Esperançosa de poder mesmo, Nádía limpou as mãos húmidas às calças de ganga.

— Certo, vou começar. Preciso de uma carrinha de caixa aberta até quarta-feira de manhã para levar daqui a primeira remessa de lixo.

— Eu trato disso. Se amontoares tudo ao pé do portão lateral, eles carregam.

— Assim que vir como é o terreno, poderei fazer-te uma planta — disse Nádía. — Depois veremos quanto pretendes gastar.

Era uma pena não poder usar a sua prancheta super-eficiente para improvisar uma planta do jardim, mas não valia a pena enquanto estivesse tudo naquele estado.

E ainda bem, pois realmente ela esquecera-se da caneta.

*

Três horas mais tarde, Robbie saiu para o jardim e pareceu falar com ela. Nádía desligou a serra eléctrica movida a gasolina, puxou os óculos para o alto da cabeça, tirou as luvas de protecção e limpou o suor do queixo. Quem disse que a jardinagem não podia ser glamorosa?

— Desculpe, não ouvi — disse Nádía.

— Hum... — Robbie hesitou como um rapaz na peça de teatro da escola que se esquece da sua deixa.

⁹ Personagem muito popular da série Harry Potter, um guarda-florestal gigante e barbudo. (N. da T.)

— Pusemos agora mesmo a chaleira a aquecer. O Bart acha que a menina quer um chá.

— Oh, fantástico. — Sorriu-lhe, desejando que ele se descontraísse.

Dentro de casa, a cozinha estava toda esventrada, mas havia uma chaleira ligada a uma tomada ao nível do chão. Ao lado dela, no cimento cheio de pó, estava uma caixa de saquinhos de chá, um pacote de leite aberto, um pacote de açúcar e uma colher de chá suja. Depois de lhe indicar as coisas, Robbie desapareceu sem dizer palavra.

Pois.

— Está tudo bem? — Momentos depois, Bart aparecia à porta, agarrado a uma bolsa para tabaco e uma imensa caneca de chá. — Tem trabalhado que nem uma louca, não tem? Temos visto da janela. Co'a breca, parece o *Texas Chainsaw Massacre* lá fora. Já deve estar com sede.

Ele devia ter cinquenta e muitos, com muito pouco cabelo e uma cara amistosa. Depois de sorver um golo de chá barulhento e apreciativo, limpou a boca com as costas da mão, que mais parecia uma salsicha.

— E estou — disse Nádía. — Há mais canecas?

— Desculpe, não trouxe a sua? Ora, não faz mal. — Bart engoliu o resto do chá, sacudiu a caneca na vertical e limpou-a rapidamente na t-shirt cheia de pó dos tijolos que lhe estava apertada na barriga. Estendeu-a e disse generosamente:

— Pode usar a minha.

Era como sentar-se para jantar com um xeque árabe e ver à sua frente um prato de olhos de carneiro. Ou seria uma prova? Corajosamente, Nádía pegou na caneca lascada, meteu-lhe um saquinho de chá dentro e encheu-a com água acabada de ferver.

Agora era realmente uma dos trolhas.

Bart assentiu apreciativamente quando ela pescou o saquinho de chá com a colher, o deitou no lava-louças e pousou a colher no chão ao lado da chaleira.

— É trabalhadeira. O Jay também a estava a observar há bocado, antes de se ir embora. Acho que ficou bem impressionado. Deve ficar contente consigo, depois das últimas prendas que cá estiveram. Uns amarrados, mesmo do tipo Julian Clary.¹⁰ — Fungou de asco. — Contentinhos a plantarem prímulas, mas no que tocava a qualquer coisa mais difícil, desapareciam logo.

10 Comediante britânico de estilo comparável a Boy George, RuPaul, e à comunidade transformista em geral. (N. da T.)

Pelo tom de voz dele, Nádia calculou que ele não os tivesse deixado beber da sua caneca. Sentiu-se estupidamente lisonjeada.

— Trabalha para o Jay há muito tempo?

— Quatro meses, eu e o Kevin. Desde que ele se mudou para Bristol. O Robbie começou há dois meses.

— Ele parece muito... sossegado. — Nádia desconfiava de que Robbie fosse atrasadinho.

— Ah, é muito bom rapaz. Não é de grandes conversas, mas não faz mal. É formado em Física — acrescentou Bart, como se não fosse nada.

Co'a breca.

— Não conseguia arranjar emprego — continuou Bart, entre baforadas do cigarro enrolado à mão. — Cá entre nós, não me parece que ele dê o seu melhor nas entrevistas. Mesmo assim, é trabalhador. Não se pode pedir mais, pois não?

— E o Jay? Como é ele? Quer dizer, é bom patrão? — Nádia rezava para não corar.

— Ah, é porreiro. — Pelo gesto de cabeça de Bart, ela deduziu que ele aprovava. — Não vai em cantigas, e não nos vem com cantigas. Trabalha muito. — Tossicou e riu-se. — E também anda na farra. Já sabe como é, tipo solteiro com olho para as raparigas. Aquele telemóvel não pára, deixe que lhe diga. Às vezes até aparecem onde estamos a trabalhar, a tentar apanhá-lo. Pois é, ele tem sorte com as mulheres. Faz-me pensar em como a minha vida seria se houvesse telemóveis no meu tempo. Mas lá está — suspirou pesada e enfumadamente — não havia. Conheci a minha mulher no clube da mocidade local, namorámos dois anos — à antiga, se é que me percebe — e aos dezanove eu estava casado e com um filho a caminho.

Não era assim tão à antiga.

— Mas ele tem tino para o negócio — Bart animou-se. — Sabe fazer dinheiro. Por isso é que vai ficar contente por a ter contratado. Aposto que você sai mais barata do que uma firma de arquitectos paisagistas com folhetos coloridos e internet.

Deveria aceitar aquilo como um elogio? Nádia içou-se do chão de cimento, terminou o chá, e sorriu.

— Obrigadinha.

✱

A prateleira de cima do suporte das revistas não era a secção preferida de Annie na loja. Detestava que os homens lá fossem comprar revistas

pornográficas. Por outro lado, detestava ainda mais quando entravam, passavam dez ou quinze minutos a folheá-las silenciosamente, e depois iam-se embora sem comprar nada.

Todavia, tinham acabado de entregar a remessa da última *Playboy*, e o trabalho dela era pôr as revistas em exposição. Annie esperou que a loja estivesse vazia, tirou o banquinho de trás do balcão e pousou-o em frente ao expositor. Meteu uma resma de *Playboys* debaixo do braço, subiu para o banquinho e começou a empilhá-las na prateleira de cima.

A porta da loja abriu-se mesmo quando a vespa passou pelo campo de visão de Annie. Esta soltou um gritinho e tentou afugentá-la com a mão livre. Zangada, a vespa esvoaçou em círculo e prontamente mergulhou sobre ela como um mini-Spitfire. Annie encolheu-se e deu um passo atrás em pânico, quando a vespa fez pontaria à sua bochecha.

— Cuidado, não caia — disse uma voz masculina, mas Annie já se descuidara. O pé tentou encontrar o apoio que já lá não estava. A pilha de revistas deslizou-lhe da mão quando ela tentou agarrar-se ao ar, como uma nadadora novata a tentar nadar de costas. Com um guincho nada respeitável, Annie caiu no chão e bateu no expositor dos chocolates que estava atrás dela. *Mars*, tubos de pastilhas de fruta e embalagens de *Tic-Tacs* caíram-lhe em cima como chuva dolorosa.

Annie fez uma careta de dor quando o banquinho caiu também e lhe aterrou na canela.

— Fique aí onde está, não se mexa — mandou a voz masculina atrás dela. A mesma que, segundos antes, sugerira que ela tivesse cuidado.

Annie rodou a cabeça e viu que a voz era do pai da menina que por vezes esperava na loja que ele saísse do emprego. Se fosse o Super-homem, claro, teria chegado a tempo de a salvar daquela aterragem tão embaraçosa.

— Estou bem. — Annie fechou os olhos por momentos. — Parece-me.

— Está a deitar sangue. — Ele avançou com cuidado por cima dos estragos e agachou-se ao pé dela. — Veja só a sua perna.

Annie abriu os olhos e tornou a fazer uma careta de dor. Não era tanto por ver sangue a ensopar-lhe as calças azul-marinhas, mas as revistas *Playboy* espalhadas à volta dela, todas abertas e a exibirem mulheres nuas com peitos do tamanho de melões e cuecas impossivelmente pequenas.

Tirando aquelas que se tinham esquecido de vestir cuecas.

Capítulo 11

Annie, que tinha vestido cuecas muito robustas, puxou a saia para baixo para que elas continuassem escondidas. Abismada pela nudez que a rodeava, tentou afastar quem a queria ajudar.

— Estou bem, a sério. É só um arranhão. Queria o *Evening Post*, não era?

Pergunta parva, pois era o homem que lá ia todas as tardes, sem falta, buscar o *Evening Post*.

— Deixe lá isso, vamos tratar de si.

— As revistas — murmurou Annie, as faces coradas ao ver mais uma modelo, extraordinariamente colocada sobre um cesto de roupa suja. Não devia ser nada confortável, pois não?

— Eu trato disso. — Com um ar ligeiramente embaraçado também, mas tentando ter um ar profissional, ele fechou rapidamente todas as revistas escancaradas, recolheu-as e empilhou-as na prateleira de baixo do expositor, atrás de uma série de *Woman's Weekly*. A seguir, começou a apanhar os chocolates espalhados. A porta fez ruído ao abrir e a filha dele entrou.

— Argh, uma vespa. — Com uma exclamação de nojo, sacudiu a mochila da escola e despachou a vespa pela abertura da porta. Arregalou os olhos quando viu o pai de joelhos a apanhar pastilhas de fruta e *TicTacs* de debaixo das pernas abertas da mulher que trabalhava na loja.

— A vespa também me queria ferrar. — Annie tentou sentar-se mais direita. — Caí do banquinho. O teu pai está a ajudar-me a arrumar tudo. — Para comprovar, pegou no último chocolate e passou-o ao pai da rapariga. Pelo menos as *Playboys* já estavam escondidas.

— Magoou-se? — A rapariga avançou para eles e acrescentou, esperançosa:

— Partiu a perna? Eu sei primeiros socorros.

— Veja lá o que lhe diz — murmurou o pai dela. — É um diabrete com as ligaduras; embrulha-a como uma galinha antes que você possa

dizer Jamie Oliver. — Os olhos escuros dele fitaram os de Annie e ela sorriu.

— A minha perna está ótima — disse ela à filha dele.

A rapariga fez um ar descoroçoado.

— Nem sequer torceu o tornozelo? Sou excelente com compressas frias.

— É só um arranhão. Raspou na beira da prateleira de metal quando eu caí. — O buraco nas meias era o mais aborrecido; era de esperar, tinha-as estreado naquele dia.

Depois de arrumar o espaço que a rodeava, o homem ajudou Annie a pôr-se de pé. Doía-lhe imenso o rabo — amanhã teria uma nódoa negra enorme — mas Annie ficou com esta informação só para si. Havia coisas que nenhuma compressa fria podia salvar em público.

A menos que se fosse capa da *Playboy*.

— É segunda-feira — disse o pai da rapariga. — Porque é que não apanhaste o autocarro para casa?

— Esqueci-me que tínhamos mais treinos de *netball*. E demoraram mais tempo do que eu pensava. Quando cheguei ao teu escritório disseram que tinhas acabado de sair, por isso corri para cá para te apanhar antes que fosses para casa. — Ela hesitou e depois perguntou:

— Não faz mal, pois não?

Ele fez-lhe uma festinha no cabelo.

— Claro que não faz mal. Sabes que eu venho cá sempre buscar o jornal.

Pensando no quanto eram perfeitos juntos, Annie disse:

— Mas se eu não tivesse caído do banquinho, tinhas perdido a boleia.

A rapariga sorriu-lhe.

— Deus escreve direito por linhas tortas.

Torta estou eu, e devo ter o rabo todo negro, pensou Annie enquanto coxeava até ao balcão. Havia um pacote de pensos-rápidos na gaveta debaixo da caixa registadora; com um lenço de papel, Annie limpou cuidadosamente o sangue que se via pelo buraco das meias estragadas.

— Deixe que eu faço. — Com ar de enfermeira mandona, a rapariga tirou-lhe o penso da mão, afastou as coberturas de plástico e colocou-o em cima do corte.

Annie estava aliviada por não precisar de pontos. Havia estojos de costura em miniatura na prateleira do lado da caixa registadora.

— Pronto. — A rapariga afastou-se, contente com o seu jeito de mãos.

— Excelente, Tilly. Bom trabalho. — O pai olhou para o relógio, e depois para Annie.

— Vai fechar às seis, não é? Sente-se bem para ir para casa sozinha, ou podemos dar-lhe boleia?

— Oh! É muito simpático da sua parte. — Annie ficou comovida com a oferta, e muito tentada a aceitar, mas abanou a cabeça. — Não, eu fico bem, mas obrigada na mesma.

Quando Tilly e o pai saíram da loja, eram horas de começar a fechar. Depois disso, Annie foi buscar os sacos das compras que tinha feito à sala das traseiras, fechou a porta nas três trancas e dirigiu-se à paragem de autocarro. Quase não lhe doía o joelho, mas o rabo parecia-lhe o saco de pancada do Mike Tyson. Annie cambaleava, a fazer caretas a cada passo, com as dores que lhe saíam da base da espinha, e desejando que a paragem fosse mais perto. Seria assim ter noventa anos?

Um carro buzinou atrás dela, mas Annie não virou a cabeça; não devia ser alguém a assobiar-lhe.

Depois o carro encostou mesmo à frente dela e o vidro do lado do passageiro baixou.

— Está a coxear — anunciou Tilly com ar sério. — Mal pode andar.

O pai de Tilly debruçou-se para trás do assento dela, abriu a porta de trás, e disse:

— Salte cá para dentro.

Annie não ia poder saltar para lado nenhum, mas conseguiu meter-se a si e aos sacos das compras no espaçoso banco de trás do *Jaguar*.

— Obrigada, mas não era preciso esperar por mim.

— Não esperámos. — Tilly virou-se no assento e sorriu. — Havia bicha para sair do estacionamento, mais nada. Quando saímos para a rua, eu vi-a a coxear e carregada de sacos.

Que vergonha, só de pensar que tinham estado à espera dela. Annie disse em voz fraca:

— Dói-me mais do que pensava. Acho que magoei a espinha.

Tilly lançou-lhe um olhar que queria dizer «eu bem avisei».

— Era melhor fazer uma radiografia.

Annie estava abalada. Homessa, o movimento tinha causado outra hemorragia, saía sangue em redor do penso que ela tinha no joelho de lado. Cheia de medo de pingar para os bancos de cabedal creme, apressou-se a cruzar as pernas.

— Então para onde vamos? — O pai de Tilly parecia animado.

— Kingsweston. — Annie desejava encarecidamente que não lhe ficasse muito fora de mão.

— Obrigada, hum...

— Ele chama-se James — disse Tilly. Ansiosa por ajudar, acrescentou:

— E eu chamo-me Tilly.
— E eu chamo-me Annie.
— Como a órfã! A senhora é órfã?
— Tilly! — Pelo espelho retrovisor, Annie viu o pai da rapariga erguer o sobrolho com ar desesperado.
— O que foi? Perguntar não ofende.
— Mais ou menos. Perdi o meu pai há alguns anos. E a minha mãe morreu em Janeiro. Mas acho que devo ser velha de mais para ser órfã.
— Porquê? Quantos anos tem?
Mais revirar de olhos no retrovisor.
— Trinta e oito — respondeu Annie.
— Ah. — Tilly parecia admirada. — Achei que era mais.
James nesta altura já parecia desgostado e abanava a cabeça.
— Pois — disse Annie com gravidade — tive uma vida difícil.
— Eu também perdi o meu pai — anunciou Tilly. — Deixou a minha mãe quando eu era bebé.

Ah.

— Ah. — Annie ficara abismada e envergonhada outra vez. Quando falava com Tilly na loja, dizia sempre *o teu pai*.

— Desculpa, achei que...

— Que o James era meu pai? Não — Tilly abanou a cabeça.

— Então é teu padrasto — disse Annie em tom encorajador.

— Nem sequer isso. Eu achava que ele era meu padrasto, mas não é. É um bocadinho complicado. Mas ele é como um pai a sério — acrescentou Tilly. — Obriga-me a fazer os trabalhos de casa, não gosta da música que eu oiço, essas coisas todas.

James observou secamente:

— Anos de prática com as tuas irmãs.

Agora Annie estava mesmo confusa, mas não podia começar a bombardeá-los com perguntas. Tilly, qual típica adolescente, já procurava um CD na mochila e convencia James a ouvirem-no.

O resto da viagem passou-se a ouvir música *rap* americana, com James a queixar-se de não perceber patavina, e a perguntar qual era o mal de uma canção que se pudesse cantar?

Tilly rodou outra vez no lugar do passageiro e inquiriu:

— Está a ver porque é que eu digo que ele é como um pai a sério?

— O meu dizia o mesmo dos meus LPs do David Bowie.

Tilly franziu o sobrolho.

— O que são LPs?

Pelo espelho retrovisor, James lançou a Annie um olhar sabedor que dizia «está a ver o que eu tenho de aturar?».

Chegaram a Kingsweston. A sorrir, Annie disse:

— Ali à direita, a fila de casinhas. A minha é a da esquina, a seguir à cabina telefónica.

*

— Oh, pelo amor de Deus — suspirou Miriam, tirando a James o *Evening Post*. Atravessou a sala e foi até à janela, fez pontaria à mosca que zumbia contra o vidro e — *zás* — matou-a.

— É bom saber que não perdi o jeito. — Contenta consigo própria, Miriam passou a arma do crime enrolada a James. — Querido, não sei por que razão compra este jornal. O mais das vezes nem o abre.

— Abro pois — mentiu James, e para o provar, abriu o jornal. — Vê? Há aqui um artigo sobre... o restaurante novo na Stoke Bishop. São nossos clientes. — Assentiu com ar sério. — Está a ver, tudo é relevante.

— Pois, pois. — Os diamantes cintilaram quando Miriam fez um gesto apaziguador com as mãos.

— Nesse caso, porque é que não o manda entregar aqui? Poupa-lhe uma ida à loja no caminho para casa todas as tardes. É simples, basta pedir ao jornaleiro que o ponha na caixa do correio.

James virou as páginas com ruído e enfiou a cabeça na necrologia. Não queria que o jornaleiro pusesse o seu *Evening Post* na caixa do correio. Gostava da rotina de ir à tabacaria buscar o seu jornal, quer desse boleia a Tilly, quer não.

— Posso tratar disso, então?

— Não, obrigado.

— Mas...

— *Não*. — James sabia o quanto devia à sua mãe, mas ainda havia alturas em que ela o irritava sobremaneira. — Vou continuar a comprar o meu jornal, está bem? Se não se importar.

— Se você assim o diz. — Os olhos pintados de Miriam piscaram de preocupação; James não era nada de refilar. — Só queria ajudar.

Capítulo 12

Nádia estava contente consigo própria. Fizera uma planta do jardim mesmo boa. Até comprara um conjunto novinho em folha de canetas de feltro para criar a mancha de cor que se impunha. Demorara horas naquela noite, esticada na cama e rodeada de ideias descartadas e pacotes de batatas fritas vazios. Não se dava o devido valor ao trabalho que uma planta dava a fazer.

E Jay Tiernan não estava lá para lhe agradecer, o que era uma má-çada.

Era um homem ocupado, Nádia compreendia. Além de organizar as instalações da cozinha e casa de banho, competia a Jay agendar eletricitistas, canalizadores e marceneiros, e tratar que lá fossem trabalhar nas alturas certas. Além disso, tratava com mediadores imobiliários e advogados, para vender a casa quando estivesse pronta, e já andava de olho na casa que compraria a seguir. Por conseguinte, andava sempre por fora. Não fazia mal, mas não seria tanta má-çada se ele não passasse a vida com o telemóvel desligado.

— Ainda não teve sorte, pequena? — Bart foi lá fora quando ela atacava os botões do seu telemóvel.

Nádia abanou a cabeça. Já deixara duas mensagens mas Jay não ligara.

— Ele disse que ia mandar uma carrinha. — Nádia apontou para o monte de lixo do jardim que estava junto à cancela lateral. — Já é quase meio-dia e ainda não chegou ninguém, e não sei se ele tratou disso ou não.

— Se disse que tratava, deve ter tratado. — Bart encolheu os ombros e começou a enrolar tabaco.

— E se não tratou? E tenho aqui as plantas para ele. — Zangada, Nádia mexeu na pasta de plástico – nova também comprada no dia anterior.

— Queria que ele as visse antes de começar a fase seguinte. Quer dizer, onde é que ele anda? Que está a fazer? — Os canudos do cabelo dela balouçaram em cima dos ombros quando ela abanou a cabeça, de-

sanimada. — Porque é que ele tem de ter sempre o maldito telemóvel desligado?

Bart não reagiu exactamente com uma piscadela de olho e uma cotovelada, mas a expressão na cara dele indicava o que achava que Jay andaria a fazer. Acendeu o cigarro e deu uma passa tão grande que lhe chegou aos dedos dos pés.

— Como já lhe disse, é um tipo ocupado. Popular entre as senhoras. Teve qualquer coisa com a mulher que lhe vendeu a última casa que remodelámos. Não sei se ainda anda com ela, mas se não andar, é porque já tem outra.

Estaria Bart a avisá-la para não alimentar esperanças? Estaria a dizer-lhe subtilmente que Jay se metia com qualquer carinha laroca?

Carinha, carrinha...

— A vida amorosa dele não me interessa — afirmou Nádía em tom peremptório. — Só quero que me levem daqui este entulho, e preciso que o Jay me aprove as plantas para poder começar o jardim.

— O que lhe parece, — propôs Bart em tom apaziguador — já que é meio-dia, de fazer o seu intervalo para almoço? Talvez ele já cá esteja quando você voltar.

Nádía esteve fora vinte minutos. Quando voltou da mercearia da Henleaze Road com pãozinhos, batatas fritas e uma barra de *Snickers*, Jay já lá estivera e já se fora embora.

Supostamente.

— Desencontraram-se — disse Bart. — Ele apareceu mesmo depois de você sair.

Desanimada, Nádía perguntou:

— Está a falar a sério?

— Eu disse-lhe o que precisava. Ele ligou outra vez à empresa das limpezas e disseram que estão cá à uma. Ah, e levou as plantas do jardim com ele, mas diz que a Nádía pode começar o terraço.

Nádía sentia que tinha seis anos e desconfiava que, afinal, o Pai Natal não existia. Teria Jay estado lá realmente, ou Bart dizia aquilo para lhe fazer a vontade? E se Bart tivesse metido as plantas que lhe tinham dado tanto trabalho a fazer no fundo da mochila onde trazia a marmita e o tabaco?

Kevin, filho de Bart, estava a estucar uma das paredes da sala. Nádía meteu a cabeça pela porta e perguntou:

— Viu o Jay?

— O quê? — Kevin parecia pasmado.

— Ele esteve cá há bocado?

— Hum, esteve.

Mas Kevin diria que sim, não diria? Bart devia tê-lo avisado.

Nádia semicerrou os olhos.

— O que é que ele tinha vestido?

— Hã?

Não fazia ideia. *Ahá*.

— T-shirt e calças de ganga? — Respondeu Kevin, esperançoso.

Lindo.

— Não — replicou Nádia. — Tinha um pólo verde e calças pretas.

— Ah, pois — Kevin assentiu, aliviado. — Pois, era isso, já me recordo.

Coitado do Kevin. Não era nada esperto, mas fazia por agradar.

Quando a carrinha chegou pouco depois da uma, Nádia ficou a pensar se teria sido Bart a chamá-los.

*

Miriam e Edward estavam sentados no jardim das traseiras da casa de Edward quando ele a pediu em casamento. Outra vez.

Miriam fechou os olhos por segundos, a desejar que ele não fizesse aquilo, a pensar por que razão ele não aceitaria um não.

— Estou a falar a sério — disse Edward, a tirar o *Daily Telegraph* dobrado das mãos dela e a pôr a caneta na mesa de jardim.

— Não sei qual é o problema. Amo-a e quero casar-me consigo.

— E eu quero que pare de me pedir em casamento. — Miriam endireitou-se instintivamente, os ombros para trás. — Estamos muito bem como estamos.

— Eu gosto de fazer as coisas como deve ser. Casar é que é como deve ser.

— Pois, mas não vai acontecer, portanto, podemos voltar às palavras cruzadas?

Ela levaria a melhor, claro. Levava sempre, porque há muito se decidira e Edward não a podia obrigar a mudar de ideias. Porém, não deixaria de demonstrar que não estava nada contente com a situação. Agora fazia-o suspirando pesadamente, pondo-se de pé e afastando-se da mesa. Com as mãos firmemente atrás das costas, caminhou emproadamente até ao muro oposto, ostensivamente para apreciar as rosas de Santa Teresinha que se deleitavam com o Sol da tarde.

Miriam observava-o a pensar como ele reagiria se ela lhe contasse o verdadeiro motivo que a impedia de casar com ele. Era irónico, mas desconfiava que ele nem ligaria, depois de passado o choque inicial.

No entanto, o motivo que a impedia de casar com Edward nada tinha a ver com o conhecimento que ele tivesse disso. Não se permitir casar com ele era o castigo que ela se dera a si própria depois de... bem, depois de acontecer *aquela coisa*. E quando se fazia um contrato assim, tinha de se cumprir.

Ainda mais irónico, Edward estava no mesmíssimo sítio onde tudo acontecera.

Miriam protegeu os olhos do Sol, pegou no *Telegraph* e chamou-o:

— Meu caro, já chega, venha ajudar-me a terminar as palavras cruzadas.

Na realidade, ela queria dizer-lhe, *Não amue*, mas não conseguia.

Coitado do Edward. Já passara por coisas que chegassem.

*

O dia seguinte, quinta-feira, estava quente mas com aguaceiros. Nádia, só de colete e calções, trabalhou à chuva para aplainar o terreno onde as portadas das traseiras da casa davam para o jardim. As gotas de chuva caíam regularmente das pontas dos seus canudos de cabelo. Tinha bocados de lama pegados às botas. Estava com péssimo aspecto, mas não queria saber. Aquele exercício todo fazia-lhe bem, e não estava ali ninguém para apanhar um susto a olhar para ela. Ninguém que interessasse, enfim.

Jay ainda tinha o telemóvel desligado. Tanto quanto ela sabia, ele até podia estar na Nova Zelândia.

Apareceu ao meio dia e meia. Nádia continuou a trabalhar à chuva, enquanto ele via o andamento dos trabalhos dentro de casa com Bart.

Finalmente apareceu no exterior, com a pasta dela que tinha as plantas numa mão e o telemóvel na outra.

— São boas. Podes avançar. Abri conta no centro de jardinagem, podes debitar lá tudo o que precisares.

Nem uma saudação amigável. Nada de «Desculpa, desencontrámo-nos ontem». Nem sequer sorria.

Nádia parou de cavar e apoiou-se na pá. Não sabia bem porquê, mas esperava uma reacção mais entusiástica às suas plantas do que apenas «são boas».

— Está tudo bem? — Perguntou ela a Jay.

Ele não parecia bem, parecia distante e absorto.

— Claro que está tudo bem — respondeu ele, friamente. Nada de conversa fiada. Era como ser confrontada de repente com o irmão gé-

meo de Jay Tiernan, gerente bancário assustador, que era de facto um *cyborg*.

Talvez as coisas fossem continuar a ser assim, agora que ela trabalhava mesmo para ele.

— Certo. — Pronto, elogios efusivos talvez fosse pedir de mais, mas Nádia ainda achava que ele podia ter chamado às suas plantas algo mais construtivo do que *boas*.

— Posso fazer uma observação?

A indignação passou a raiva quando Jay olhou para o relógio e depois encolheu os ombros.

— Força.

Era evidente que não lhe interessava nada o que ela tivesse a dizer.

— Não temos nada a ver com o teu paradeiro durante o dia, nem nos interessa o que andas a fazer quando cá não estás. — Esperta, Nádia incluiu Bart e os outros na reclamação. — Mas não podes ter sempre o telemóvel desligado. Tentei falar contigo ontem e não consegui. Tentei outra vez esta manhã e não consegui.

— Certo.

A chuva caía das pestanas de Nádia quando olhou para ele, passada. Mais nada? Era assim que ele pedia desculpas?

— Estou a falar a sério. Não é nada profissional. Temos de poder contactar-te.

Jay, de semblante tão fechado e desligado quanto o de um chefe índio, disse:

— É uma qualidade saber ter iniciativa. Se estavas assim tão aflita, podias ter tratado de outra carrinha. Seja como for, tenho de ir. Diz ao Bart que falo com ele amanhã sobre o electricista.

E sem dizer mais, foi-se embora. Nádia, de mãos nas ancas, viu-o desaparecer pela cancela lateral. Momentos depois ouviu o ruído do motor do carro. Ele não podia ter mostrado menos interesse na queixa dela do que se ela fosse uma formiga no salto da bota dele.

Mas que raio se passava ali? Seria Jay Tiernan um sacana que andara mascarado de tipo porreiro? Estaria com problemas nos negócios e à beira da falência?

Ou estaria a querer dizer-lhe que, se ela gostasse dele, bem podia parar porque estava a perder tempo?

Da janela da cozinha, Kevin chamou-a:

— Vou buscar peixe e batatas fritas. Quer para si?

Era uma da tarde. Nádia percebeu que estava mortinha por um saco de bacalhau massacrado e batatas fritas, e sentiu-se mais animada, nem que fosse um bocadinho.

Primeira regra do emprego: se o patrão se mostrar uma besta completa, merecemos um belo almoço.

Capítulo 13

Nádia pegou no correio acabado de entregar quando ia a caminho da cozinha na manhã seguinte. Clare já se levantara, o que ou era um milagre declarado, ou que acabara de chegar a casa depois de uma noite na farra. Miriam estava a fazer o seu café habitualmente forte como pólvora e James a barrar as torradas com manteiga.

A dar as cartas como se jogasse póquer, Nádia ia dizendo:

— Contas, contas, lixo, contas.

— Cuthbert, Dibble e Grubb — disse James.

Toda a gente na cozinha se virou e olhou para ele.

— Brincadeira — explicou James. — Era uma coisa de crianças na televisão.

— Ah — Clare imitou uma reminiscência comovente, e disse:

— Os bons velhos tempos a preto e branco.

— Foi um programa famoso. — James estava na defensiva.

— Mais lixo. — Nádia atirou um cartão brilhante a Clare. — Ganhaste meio milhão de libras.

— Lindo. — Clare virou o cartão e fez uma careta. — Mas que pena. Diz aqui que me *iam* dar meio milhão de libras, mas depois perguntaram à minha irmã e ela convenceu-os a darem-no a outra pessoa.

Nádia não lhe ligou. — Uma para ti, Avó, bem gordinha. Toma.

Miriam apanhou a carta no ar, de coração na boca, mas não era nada de mal, apenas uma das circulares de Emily Payne, feita no computador. Com intervalos de seis meses, Emily Payne gostava de mandar as últimas notícias fanfarronas sobre «os meus filhos são melhores do que os teus» a duzentos dos seus amigos mais íntimos. No último Natal, Miriam tivera vontade de lhe escrever a dizer que James acabara de fazer uma operação de mudança de sexo, e que doravante se chamaria Janice.

— Pai, mais duas para ti. Um folheto sobre carros antigos, uma seca, e... ah... esta parece mais empolgante. — Nádia acenou com o pesado envelope cor de creme debaixo do nariz dele. — Hum, papel grosso e endereçada com tinta a sério, mas que bem.

James soube logo de quem era. Vários outros colegas de trabalho tinham recebido também. Tirou uma chávena de café a Miriam, meteu o convite debaixo do pires e concentrou-se em abrir e estudar o folheto da BMW.

— Vá lá, Pai, o que tem o outro envelope? — Por detrás dele, Clare rodeou-lhe os ombros com os braços.

— Abro depois.

— E se abrisses agora? — Com um sorriso, Clare tirou o envelope de debaixo do pires e saltitou para longe da mesa.

— Isso é dirigido a mim, é particular. — James tentou exercer a sua autoridade de pai.

— Oh, não sejas chatinho, vê-se bem que é um convite. — Clare rasgou o envelope, estudou o cartão gravado que lá vinha dentro, e franziu o nariz.

— Achei que seria qualquer coisa interessante. Um jantar em casa de Cedric e Mary-Jane. Meu Deus, um pesadelo. Preferia comer comida de cão.

James concordava plenamente. Cedric Elson era o seu chefe, fundador e director da Elson & Co. Chartered Accountants. Mary-Jane era a sua esposa, amiga das lipoaspirações. E os jantares deles eram a maldição da vida de James.

— Diz James e acompanhante — salientou Clare.

Os convites de Cedric e Mary-Jane diziam sempre isso.

— Eu disse-lhes que não tenho acompanhante — James suspirou. — A Mary-Jane diz que eu devia fazer um esforço e arranjar uma.

— Pode ter razão. — Miriam enrolou o cabelo escuro num nó e fixou-o com a caneta das palavras cruzadas. — Afinal, há anos que o convidam para estas festas e nunca levou ninguém.

— Não conheço ninguém para convidar.

No corredor, Tilly estava de joelhos a meter os ténis e a t-shirt dos Public Enemy numa mochila já a rebentar pelas costuras. Parou um segundo e ouviu Clare dizer:

— Arranja alguém da agência. Uma acompanhante que seja mesmo espampanante. Assim toda a gente abre a pestana e repara.

— Especialmente se ela começar por distribuir cartões — Tilly ouviu Nádía replicar.

— Não vou levar ninguém de uma agência. — James parecia resignado. — Nem sequer vou ao jantar. Telefone no último momento e digo que estou constipado.

— Foi o que fez o ano passado — disse Miriam. — Desta vez tem que ir. Pode levar a Eliza.

— A Eliza não. — James resmungou tão alto que se ouviu no corredor. Não era a primeira vez que o ameaçavam com a secretária de Edward.

— Ela está sempre a perguntar por si — declarou Miriam. — Sabe que ela gosta de si. Oh, James, não faça essa cara, não é preciso casar-se com ela. É só um jantar.

— Vou chegar tarde ao trabalho. — Tilly ouviu uma cadeira a ser arrastada.

— Tem de levar alguém — insistiu Miriam.

No corredor, James pegou na pasta e nas chaves do carro, antes de dar um beijo na cabeça curvada de Tilly.

— Adeus, pombinha. Até logo.

Tendo finalmente conseguido correr o fecho da mochila, Tilly observou:

— Levas as peúgas desirmanadas.

James olhou para as peúgas: uma azul-escura, outra preta.

— Não digas à avó. — Fez uma piscadela de olho cúmplice a Tilly e abriu a porta da frente. — Adeus.

*

— Olá, como estás? — Annie saudou Tilly com um sorriso simpático, quando esta entrou na loja às cinco e vinte.

— Bem. Quer dizer, enlameada. — Tilly apontou para os salpicos de lama que tinha nas pernas, por ter corrido num campo de jogos alagado.

— Está melhor do Joelho?

— Ah, está bom. — A nódoa negra do rabo estava mesmo colorida, mas Annie não falou nisso. — Queres pastilha elástica?

Tilly assentiu e tirou dinheiro de um dos bolsos da mochila. Contou as moedas com cuidado, deu-as a Annie e respirou fundo.

— Ouça, espero não ser indelicada, mas a Annie tem outra metade?

Annie franziu o sobrolho. Falava de pastilhas elásticas? Dinheiro? Cerveja?

— Outra metade de quê?

— Desculpe. — Tilly ficara levemente corada, e abanou a cabeça.

— Eu queria dizer cara-metade. Sabe, um companheiro, marido, namorado... Nunca sei o que lhes chamar.

— Ah. — Annie sorriu. — Bem, não, nem por isso.

— O que quer dizer nem por isso?

— Hum, quer dizer... que não. — Siderada por aquele inquérito inesperado, Annie perguntou:

— Porquê?
— Por nada. Estava só a pensar. — Toda animada, Tilly abriu o pacote de Wrigley's Extra.

— Portanto, em teoria, se um homem a quisesse levar com ele ao jantar do patrão no próximo sábado à noite, não há nada que a impeça?

Annie sentiu o coração bater mais depressa, como um carro antigo a quem pedem para passar de repente o limite de velocidade.

— Bem, isso depende do homem e de como ele é.

— Mas se ele fosse mesmo simpático, a Annie aceitava? — Os olhos de Tilly brilhavam.

— Ah... bem, acho que sim, em teoria.

— Mas que bom. Ótimo. — Radiante, Tilly ofereceu-lhe uma pastilha elástica. Atrás dela, a porta abriu-se e James entrou, fazendo com o que o coração destreinado de Annie parecesse um *Ferrari*. Os dedos agarraram-se à beira do balcão quando James tirou o jornal do costume, deixou a quantia certa no balcão, sorriu e perguntou:

— Dia cheio?

Annie descolou a língua do céu-da-boca.

— Hum, sim, muito cheio.

— Certo, é melhor irmos. — A brincar, James bateu com o jornal enrolado entre as omoplatas magrinhas de Tilly, a empurrá-la para a porta.

— Vamos lá. São horas de ficarmos sentados no engarrafamento. Por cima do ombro, acrescentou em tom casual:

— Bom fim-de-semana.

Em piloto automático, Annie retrucou:

— Para si também.

Era como se acordasse no dia dos seus anos e visse o carteiro passar sem parar pelo portão da frente.

A porta bateu atrás deles. Annie passou os dedos pelo cabelo. Enfim, já estava, não valera a pena ganhar esperanças. Mas que raio queria Tilly com aquilo?

*

— Não fizeste nada. — James empalideceu. — Diz-me que estás a brincar, Tilly, por favor.

A caminho do estacionamento, Tilly largara a bomba com ar casual. James parara abruptamente de andar; era péssimo, péssimo.

— Não estou a brincar, é perfeito. Tu tens de levar alguém àquele

jantar, e a Annie disse que adorava ir. Acho que ela é mesmo simpática. — Tilly meteu as mãos nos bolsos do casaco e fez pé firme. — E se não lewares a Annie, a Miriam obriga-te a lewares aquela Eliza horrorosa.

— Mas... Mas...

— A Eliza é uma cavalgada — disse Tilly frontalmente. — Parece um cavalo a rir-se, tem dentes de cavalo e cabelo de cavalo. Tu não queres levar a Eliza. E não podes fingir outra vez que estás doente. Vá lá, eu já fiz a papinha toda. Só tens de convidar a Annie oficialmente. Já sabes que ela vai aceitar.

Se houvesse ali uma parede a jeito, James teria lá ido bater com a cabeça.

— Tilly, tu tens treze anos. Eu sei que só queres ajudar, mas não é assim que se faz. Nem sequer a conheço. Ela vende-me o jornal, mais nada. Não se pode entrar no quiosque do bairro e convidar a pessoa que estiver ao balcão para o jantar do patrão.

Tilly continuava muito calma.

— Porquê?

— Porque... oh, por amor de Deus, porque *não se pode*. — James fechou os olhos por segundos e percebeu que, quando entrara na loja minutos antes, Annie devia estar à espera que ele falasse no assunto. Que confusão, que rematada trapalhada. E agora era ele quem tinha de resolver tudo.

— Vou ter de lhe explicar — disse James com ar cansado. — Fica aqui, volto daqui a cinco minutos. Vai ser constrangedor — acrescentou ele. — *Nunca mais* faças uma coisa destas.

Quando voltou a entrar na loja, Annie estava a atender outro cliente. Ergueu os olhos e viu James, corou e afastou o olhar apressadamente. Mesmo quando o cliente saiu e James abria a boca para falar, entrou uma jovem mãe com duas crianças pequenas, e ele foi obrigado a passar os minutos seguintes a fingir que folheava revistas de automóveis, enquanto os miúdos hesitavam e brigavam quanto às gulodices que iam levar.

Por fim ficaram sozinhos na loja. Annie, muito corada, disse hesitante:

— Olá outra vez.

James desejou ter qualquer coisa mais simples para fazer como, por exemplo, cortar as próprias pernas.

Preparou-se mentalmente e atirou-se de cabeça.

— Ouça, isto é constrangedor.

— Não tem de ser — disse Annie em tom hesitante.

— Bem, é óbvio que a Tilly me acabou de contar o que lhe disse a si. Não fazia ideia de que ela estava a magicar uma coisa destas. Tenho muita

pena — disse James — deve ter sido muito difícil para si. As minhas desculpas. Seja como for — continuou ele, antes que outro cliente os interrompesse — expliquei à Tilly que não pode andar a fazer coisas destas, e tenho muita pena que ela a tenha deixado numa situação constrangedora. Esqueça o que ela disse, se faz favor. Nem pense mais nisso. E desculpe.

Annie ouviu tudo com toda a atenção, entalou o cabelo louro mal cortado nas orelhas e disse:

— Certo. Está bem.

— Os miúdos hoje em dia — James falava com convicção — não sei onde é que eles vão buscar certas coisas.

— Ah, pois é. — A assentir vigorosamente, Annie sorriu para ele, o sorriso típico de quem ouve o fotógrafo dar a ordem. — Deve dar medo, não saber o que ela vai fazer a seguir.

— Pois dá. — James sabia que tinha de se ir embora, só não sabia como, sem ser mal-educado. — Quer dizer, a Tilly só quer ajudar, mas não compreende. Sabe como são aqueles jantares de trabalho. Toda a gente é casada, de modo que esperam que levemos alguém também, senão estragamos a disposição da mesa ou qualquer disparate. Quer dizer, imagine-se o horror de ter onze convivas em vez de doze; até pode haver dois homens sentados ao lado um do outro, é inconcebível.

— De loucos — anuiu Annie, mas ainda de sorriso forçado. — Bem, faz muito bem, não se deixa obrigar a levar alguém.

James percebeu que ela o achava muito mais corajoso do que ele era, e apressou-se a dizer:

— Ah, não, tenho de levar alguém na mesma. Não conhece o meu chefe. — Fez má cara, para ela perceber. — Aparecer sozinho seria cometer suicídio profissional.

Annie assentiu.

— Bem, tenho a certeza de que se vai divertir depois de lá estar. Credo, já são dez para as seis? — Começou apressadamente a contar os jornais empilhados no balcão.

Era a deixa para ele sair, e James virou-se e passou pelo expositor das revistas. *Horse and Hound* chamou-lhe a atenção, e fê-lo lembrar-se automaticamente da cavalara Eliza. Que diabo, podia ter resolvido um problema, mas ainda tinha o dilema de saber quem levaria ao maldito jantar de Cedric.

Chegou à porta e virou-se.

Pigarreou.

— Claro que se quisesse ir comigo, seria óptimo. Não por ser educada de mais para recusar, mas por achar que até pode gostar... hum, bem, talvez não... não, não se rale com isso...

— Gostaria de ir consigo — disse Annie, e ficou admirada consigo mesma.

— A sério? — James nem acreditava que conseguira. — Tem a certeza?

— Porque não? — Pela primeira vez desde que ele chegara, Annie descontraiu os músculos do rosto. — Se tiver a certeza de me querer levar.

— Talvez não tenha assim muita graça. — Era justo avisá-la.

— Podemos fazer com que tenha graça — afirmou Annie.

*

James ausentara-se durante séculos, muito mais do que cinco minutos.

— Desculpa — balbuciou Tilly quando ele finalmente apareceu.

— Está bem.

Viraram e encaminharam-se para o estacionamento.

— Foi constrangedor?

— Foi. — James andava a toda a brida.

— Ela ficou chateada?

— Disfarçou o melhor que pôde.

Envergonhada, Tilly tornou a dizer:

— Peço *muita* desculpa.

— Pois.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Por mais zangado que James ficasse com ela, nunca gritava nem perdia a cabeça.

— Então quem vais convidar para o jantar agora?

— Hum? — James olhou para ela, admirado. — Ah, vou levar a Annie.

Capítulo 14

Er^{am} seis e meia de sexta-feira e os pedreiros já se tinham ido embora, mas Nádia ainda trabalhava. Tirou partido do tempo mais ameno e preparava o terreno para o terraço. Não era nada bonito, mas era necessário. Na segunda-feira encomendaria as lajes, alugaria uma betoneira e...

A cancela lateral abriu-se e Jay apareceu, de *t-shirt* cinzenta-escura, calças de ganga pretas e óculos de sol pretos. Parecia o Darth Vader, mas menos bem-disposto.

— Olá — disse Nádia, a limpar as mãos cheias de terra. Será que ele já não sabia sorrir?

— Achei que te tinhas ido embora.

O Darth Vader mas *muito* menos bem-disposto.

— Estou a terminar. Pode ser? — Perguntou com ligeireza, dando a entender que não faria mal ouvir um comentário bem-humorado.

— Claro que pode ser. Só cá vim ver o andamento.

Tinha as mãos nos bolsos e estudava os caixilhos pintados das janelas nas traseiras da casa. Irritada pelos óculos escuros dele, que não a deixavam ver quando é que ele olhava para ela, Nádia inquiriu:

— Desculpa, mas fiz-te algum mal?

— O quê? — As lentes opacas dele viraram-se para ela.

— Eu. Se te fiz algum mal. — Nádia quase encolheu os ombros. — Tu eras... diferente. — Quase como se *não* tivesses qualquer coisa pelo rabo acima.

— Não te rales com isso. — Jay voltou à casa e sacudiu impaciente as chaves. — Só tenho de ver lá dentro, depois vou-me embora. Até segunda-feira.

— Até antes, se calhar — murmurou Nádia baixinho.

Bem, quase baixinho.

Os óculos escuros tornaram a virar-se.

— O quê?

Ela ficou admirada. — Nada.

Credo, parecia que tinha cinco anos, não era coisa nada atractiva numa mulher crescida.

E de quem é que era a culpa?

Nádia arrumou tudo um quarto de hora depois, guardou as ferramentas na barraca em ruínas e saiu pela cancela lateral. O carro de Jay ainda estava estacionado do outro lado da rua, embora ela pensasse que ele já se tinha ido embora.

Nádia desceu o curto acesso à estrada, virou-se e olhou para a casa. Lá estava ele, à janela da sala a falar ao telemóvel.

Por conseguinte, até se dignava a ligá-lo. Nádia só esperava que o destinatário da chamada soubesse apreciar a honra que era falar com ele em pessoa. Aliás, que estivesse de joelhos de gratidão. Quando Jay ergueu os olhos e a viu a olhar para ele, não sorriu nem acenou; virou-se apenas uns graus para a direita e continuou ao telemóvel.

Teria sido simpático achar que ele se portava assim porque recorria ao truque «trata-as mal que elas gostam» para lhe fazer a corte. Infelizmente, Nádia sabia que não era o caso.

Enfim, pelo menos era sexta-feira. A sua primeira semana de trabalho para Jay Tiernan terminara. Ou para aquele *cyborg* estranhamente verosímil que se fazia passar por Jay Tiernan. Se ela ainda estivesse a trabalhar para ele em Dezembro, a festa de Natal da equipa devia ser o máximo.

Nádia chegou ao final de Clarence Gardens antes de se lembrar que tinha pouquíssimo combustível. Virou para um acesso e fez inversão de marcha, a rezar para chegar a uma bomba antes de ficar mesmo sem gasolina.

Aconteceu tudo sem pré-aviso; saíram do nada como duas balas perdidas a ziguezaguear na rua. Sem qualquer hipótese de os evitar, Nádia gritou horrorizada e pôs travão a fundo. Uma fracção de segundo depois ouviu-se o baque do impacto de um corpo no pára-choques.

Com os pneus a chiarem, o *Renault* parou violentamente à beira da estrada. Enjoada e chocada, Nádia tropeçou para fora do carro e levou uma mão trémula à boca. O gato, cor de laranja de pêlo curto, estava deitado de lado na valeta.

Estava mesmo morto.

— Oh não, Oh não — chorava Nádia, as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo quando se ajoelhou. Os olhos verdes do gato estavam semicerrados. Era evidente que fora morte instantânea.

— Não faz mal — disse uma voz reconfortante ao ouvido dela. Era Jay, agachado ao lado dela, à procura de pulsação por baixo do maxilar peludo do gato.

— Faz mal pois. Matei o gato de alguém. — Nádia soluçou, a abanar a cabeça de repulsa pelo que fizera.

— Tommy. — Jay examinou a placa da coleira que o gato tinha ao pescoço. — Chamava-se Tommy.

— Isso é para me fazer sentir melhor? — Nádia enrolou a manga para limpar o nariz; tremia por todo o lado.

— Não, estou só a dizer. E não o mataste. Ele correu para a rua, atrás do outro gato. Eu vi tudo da janela.

— Mas está morto.

— Não podias fazer nada — disse Jay. — Vá, não chores. Não foi culpa tua, a sério.

Nádia limpou as faces com as costas da mão, mas as lágrimas continuavam a brotar. Espantosamente, Jay tinha o braço nos ombros de Nádia e até estava a mostrar-se preocupado e atencioso.

Quase... *simpático*.

— Nunca matei coisa nenhuma antes. Bem, minhocas, e até odeio ter feito isso. Oh, Deus, está mesmo morto. — Nádia pegou no animal, pô-lo no seu colo e começou a afagá-lo e a balouçar para a frente e para trás. Coitadinho, um minuto a correr todo feliz atrás de outro gato, e no outro... nada.

Tirando Jay, ninguém saía das casas da rua. Talvez mais ninguém tivesse visto. Nádia, com relutância, virou ao contrário a placa que tinha o nome do gato e viu uma morada gravada do outro lado.

— Felstead Avenue — leu Jay em voz alta. — É a rua por detrás desta.

— Pois — assentiu Nádia, sentindo-se maldisposta. Curvou a cabeça e tentou imaginar-se a dar as notícias ao dono de Tommy. Oh, era um pesadelo, não conseguia. Pois, pensa nisto, pensa, concentra-te...

— Podia dizer que já o encontrei morto. — Olhou suplicante para Jay. — Não é preciso saberem que fui eu.

Jay assentiu devagar. — Podias. É isso que queres fazer?

Os lábios começaram a tremer-lhe. Nádia afagou as orelhas do gato e abanou a cabeça.

— Não. Vou dizer a verdade. Olha só para a carinha dele, não aguento. Em que número na Felstead Avenue?

— Catorze, mas não vais fazer isso agora. — Enquanto ela, dormente, afagava o gato, os dedos de Jay afagavam-lhe o pescoço. Ainda tinha o braço a rodear-lhe os ombros e até era muito reconfortante, ainda mais por ser inesperado. — Podem estar aflitos por causa dele.

— Mais uns minutos não fazem diferença. Anda lá. — Jay tirou-lhe o gato e foi à frente de volta à casa. Já não havia leite, mas ele pôs a cha-

leira a ferver e fez um café forte a Nádia, para acalmar os nervos em frangalhos.

— Eu posso levar o gato, se quiseres — disse ele. — Digo-lhes que era eu a conduzir.

Nádia vacilou; era tentador. Continuava a imaginar-se a dar as notícias a uma viúva velhota sem mais amigos no mundo, ou a um grupo de crianças de olhos arregalados que haviam mimado Tommy desde que ele era gatinho.

— Não. — Nádia abanou a cabeça, não ia acobardar-se agora. — Obrigada, mas eu vou.

— Eu vou contigo.

— Está bem. — Conseguiu fazer um sorriso débil. — Estás a ser muito simpático.

Jay ergueu o sobrolho.

— Não fiques tão admirada, não sou nenhum ogre.

Tinha na ponta da língua para lhe dizer que, aliás, durante toda a semana ele fora um ogre, mas não o fez. Era evidente que Jay não se apercebera do seu comportamento distante e esquisito.

— Estou pronta. — Nádia bebeu o café todo e fez das tripas coração — fosse o que fosse que isso queria dizer. — Vamos.

*

— Bem — disse ela dez minutos depois. — Já... está.

Jay limpou a lágrima que lhe corria pela face.

— Não é preciso chorar. Já está.

— Não estou a chorar por mim, estou a chorar pelo gato! O maldito homem nem se ralou.

O maldito homem, o que abrira a porta do número 14 da Felstead Avenue, era careca, de meia-idade e brusco. Pronto, o gato finara-se, não admirava nada, pela maneira como andava, o parvo nunca soubera andar na rua.

Quando Nádia terminou de gaguejar a explicação do que acontecera, as desculpas sentidas e a promessa de pagar pelas despesas de funeral e por um gato novo, os olhos do homem já brilhavam de interesse.

— Pois, está bem, acho que duzentas brasas devem dar.

Jay dissera firmemente:

— Cem.

Odiando o homem mas sem poder recuar agora, Nádia passara um cheque. Ele metera-o logo no bolso, dissera alegremente «Obrigado, pequena», e fechara-lhes a porta na cara.

Ela quase desejara que a dona do gato fosse uma velhota chorosa – qualquer coisa seria mais fácil de suportar do que a indiferença do homem.

— Aposto que nem sequer o vai enterrar. Vai deitar o gato para o caixote do lixo. Sinceramente, há gente que não devia poder ter animais. — Credo, já estava toda enervada outra vez, a pensar em dar parte do homem horroroso à SPA, mas fora ela quem matara Tommy...

— Ouve, os bares estão abertos — Jay olhou para o relógio. — E se fossemos beber um brande para acalmarmos?

Ainda estava a ser simpático. Grata por ele compreender como ela se sentia mal, Nádia limpou os olhos à manga da *t-shirt* e começou a assentir. Seria excelente beber um copo, era mesmo o que ela precisava...

O telemóvel de Jay começou a tocar. Na pressa de o atender, ele não viu mexer a cabeça. Com um mau pressentimento, Nádia viu-o mudar de semblante. Após vários quandos, sins e certos concisos, ele desligou.

— Desculpa, tenho de ir. Estás bem para conduzir?

Nádia assentiu. Era melhor assim, a sério.

— Sim, adeus.

E mais nada, ele foi-se embora. Entrou no carro, subiu o monte e desapareceu da vista.

Era simpático, ou não? Ela ainda não sabia.